

SILVA CARVALHO

TALVEZ

EDIÇÕES AQUÁRIO

The usefulness of viewing some of Silva Carvalho's most interesting themes and motives and details as self-consuming temporality in its process of becoming, is that, so regarded, they resist reification, resist reduction to substantive, traditional aesthetic doctrines. Moreover, so regarded, their fluidity is not merely an accidental feature but a typical feature. Like the literary figure catachresis, not for nothing so essential to this author, Silva Carvalho's major experiences and attitudes and gestures seem necessarily both to solicit and to reject literal interpretation at the same time. And with good reason. Because catachresis is *both* literal and metaphorical or is *neither* literal nor metaphorical at the same time. And Silva Carvalho's central – or, should I say, decentered – literary propositions seem to exemplify a similar paradoxical quality.

Alicia Foot

For Silva Carvalho, in short, identity is a relationship that presupposes repetition. It is not self-contained or instantaneous. But in presupposing repetition, it presupposes a process (poietic, according to his claim) that inevitably entails alteration, difference, transformation as well as similitude. In construing reality in terms of the logic of identity, however, what one does is to abstract from, ignore or exclude – separate oneself from – the dimension of heterogeneity contained in all repetition. Rethinking the 'human' in terms of iterability, which is to say, as an effect that is necessarily multiple, divided, and never reducible to a single, self-same essence, has been Silva Carvalho's task. That is, the task of rethinking the singular. The singular, as he constantly reminds us, is not the individual, precisely by virtue of its mode of being, which can never be that of a once-and-for-all, but rather, paradoxically, that of an after-effect of repetition.

Elton Flesher

SILVA CARVALHO

TALVEZ

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *TALVEZ*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

edicoes_aquario@hotmail.com

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <http://www.silvacarvalho.com/>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor
MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora
CANÇÕES (1978) Edição do Autor
ASSIM (1979) Brasília Editora
ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores
ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores
75 SONETOS (1985) Solcris Editora
AO ACASO (1986) Brasília Editora
SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora
NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora
EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora
O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário
CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL (2004) Edições Aquário
CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário
SONETOS PORTUGUESES (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário

DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário
ELAÇÕES DO PEJORATIVO (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições
Aquário
LOGO (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

Ao JOSÉ EMÍLIO-NELSON

It is often said of a man that his work is autobiographical in spite of every subterfuge. It cannot be otherwise. Certainly, from the point of view from which we are now regarding it, it cannot be otherwise, even though it may be totally without reference to himself.

Wallace Stevens

TUDO PODE ACONTECER

Sim, diz ele, sim, é verdade, pode ser. Pode ser?...
O quê? Ser-se ser? Ser-se um ser humano?
Outros diriam: A luz desce num deslumbramento de si mesma em espasmos da sensibilidade atmosférica, é tarde, é tarde para ser tarde, mas a luz aquece a sala numa reviravolta dos sentidos que implica, o quê? será sempre uma inconsequência incapaz de se alargar ao lugar comum do mistério ocidental. A luz silenciosa, ociosa, incomunicável. Comunicando uma absorção de quem a vê como se houvesse algures um plano, a personificação de uma antiquíssima retórica. A luz, por ser observada, é, em certo sentido, teórica. Prática, para quem se perde nos seus meandros, uma espécie de absolvição, como se os crimes nefastos da humanidade pudessem evaporar-se na sua ilusão aérea. Outros diriam: Etérea. Convulsões de afagos metafóricos metamorfoseiam-se em tempo, o que passa num sussurro de alegria pela luz que evolui num simulacro de língua, e que quererá dizer, ou significar, essa lengalenga? Que acontece em volta? Na sala familiar nada se passa. A luz que entra pela portada existencial ilude-se com possibilidades de real, mas a realidade permitirá que se desenvolva, num apogeu do espaço, em memória? Outros diriam: Revelação. Há um desejo de se viver numa outra dimensão do sulco que anavalha o corpo, há mesmo um corpo onde a luz se derrete em mecanismos da incompreensão, onde se está? Se o realismo adurente já não se aplica a muita gente, a muitos fenómenos, que fazer da tentação de uma acção no mito do mundo? Das sociedades vigentes? Das culturas? Da terra? A terra já não aterra ninguém. Os cataclismos são televisivos, o sofrimento devora em imagens distantes qualquer desejo de compaixão, a paixão já não transmite uma sã ambiguidade. Nada se perdeu e tudo é perda. Outros diriam: Perdição. Que diriam esses outros desta luz? Talvez nada. Talvez uma outra verdade, um discurso inconcebível para quem escreve. Quem escreve?

Serei eu? Mas quem disse, «sim, é verdade», quem disse que poderia ser, mesmo se implicitamente obscuro na sua formulação declarativa, foi ele, não fui eu. Enigma é uma explosão da eternidade cósmica, quase um caos, e esse ele, e esse eu, são enigmas contemporâneos. Não importa o que se diz ou se pensa, em auges d língua prospectiva, da identidade. A pessoa poderá ser um sujeito ou um indivíduo, humano ou inumano, não interessa, mas a luz que cabriola no clamor da hora dir-se-ia um sol desavindo vindo sorrateiro fazer parte da natureza, da natureza do que é no acaso do que é, do que dizem que advém, e advindo solta-se na dimensão do espaço entrelaçado com o tempo, dança da matéria. Outros diriam: Dança inefável. Sim, é verdade, pode ser que os outros tenham razão em ser o que são, quem sabe do que se fala quando a própria fala se suspende, luz que não ilumina nem consola, rumor de leves aliterações.

30/4/2013

DE SUCESSO EM SUCESSO

Um tempo explicitamente fotográfico contradiz-se no facto de ainda ser tempo para se dizer o que se quiser dizer, não é injusta a arbitrariedade do poder?
Pudesse alguém passar despercebido no seu anonimato, e tudo seria mais previsível, mais fácil.
Haverá vida onde há viver?
Surto de espasmos cíclicos fazem-se corpo, corpo de quem?
Quem, alguma vez, ousará dizer o que ignora, quem poderá suspeitar do que não sabe?
Nenhum sentido intelectual se fará sentido emocional, dizem, deixemo-los dizer em fragmentos de pensamento. A experiência é diária.
Levantarmo-nos e deitarmo-nos.
Os que podem fazê-lo como se nada fosse.
Irmos daqui para ali como se houvesse um aqui e um ali.
Há qualquer coisa no que se vive diariamente.

Qualquer coisa nos leva a pensar e a sentir e a agir
como se ainda houvesse pensamento, sentimento, acção.
Memórias disto e daquilo interrompem o presente
da nossa presença no mundo,
envelhece-se na companhia do nada que foi.
Oximoros oxidam-se em contacto com o espaço
e o irrefragável tempo.
Temos que viver,
dizem as vozes de quem está vivo.
Ouvi-las, a essas vozes, poderá ser a experiência.
Estar perto nem sempre é um braço estendido.
Estar longe não significa sempre uma ausência.
Olha-se pela janela fictícia ou hipotética, e que se vê?
A rua, a estrada, o fora, seria a primeira impressão.
Primeira do que a primeira impressão será a da janela
numa casa qualquer de um qualquer lugar,
de um qualquer país.
Pode-se estar à janela, não se pode ser janela.
Nem casa, nem lugar, nem país.
Humanos de nós mesmos quedamos quietos,
sussurrando mentalmente:
o mundo.
Nada mais aprendemos ao longo da vida.
Entre o mundo e a terra somos o que somos,
e está tudo dito, e está tudo para dizer.
Uma alegria implacável distende-nos ao efémero.
Nascer e viver, nascer e viver.
Nascer e viver, e depois, morrer.
Tudo o mais é um inexorável mais,
incompreensível quando se identifica com um menos.
Há coisas que não lembram às possibilidades da língua.
Abrimos os braços num enleio sonhador
esperando que alguém se lance nesses braços.
Acontece, às vezes.
Muitas vezes não acontece.
Não há culpa nem perdão.
Dizem, há o que há, e já não é nada mau.
Desistimos, possivelmente desde sempre, do bem.
Nada mais somos do que homens, dizem,

nada mais somos do que animais.
Inteligentes? Racionais?
Quem sabe o que é a inteligência?
Dizem os dicionários: a capacidade de resolver problemas.
Conclusão: Não somos inteligentes.
O problema humano não está resolvido.
O humano é em si mesmo um problema irresolúvel.
Alguém canta: Nascer e morrer. Nascer e morrer.
Esqueceram-se de acrescentar: E viver. E viver.
Seria por acaso? Por acaso seria por acaso?
E assim sucessivamente...

30/4/2013

TALVEZ

Esvai-se o dia numa tarde indiferente,
vozes de adolescentes pressupõem que há gente
na vizinhança, será possível?
Não há fim para uma civilização.
Não há fins em vista.
Há apenas tardes frias
que esvaecem sem esplendor
nem memória, tempos perdidos
em meditações que não levam a nada.
Quem escreve? Eu, eu. Quem sou?
Um homem. Acrescento: Um homem.
E depois? Bem, depois, nada mais há a dizer.
Foi pouco? Talvez. Talvez amanhã
a manhã traga uma ideia
ou um testemunho,
talvez amanhã o dia não esteja tão frio,
e qualquer coisa possa acontecer,
qualquer coisa da ordem da realidade,
um facto, um feito, uma acção diferente
difundindo-se no mundo
como um acervo de acasos.
Derrapei para o absoluto?
Peço desculpa.

A incompetência é um facto.
Dizer nem sempre encontra uma língua.
Digo amor, o que digo?
Quem me saberá responder?
Não, nada de invenções rebuscadas
diante de um problema semântico.
Ninguém sabe nada de nada e todos opinam.
É um bem? É um mal? Há que viver, que ganhar
a vida. A vida?... Deixem-me rir. A vida...

30/4/2013

PARADOXOS

Maio acorda para o seu primeiro dia
como quem não compreende o que se vai passar.
Mas todos sabem. Manifestações em várias cidades
do mundo tentarão explicitar que os trabalhadores,
mesmo no século XXI, desejam comover-se
e reivindicar uma realidade do século XIX.
A luta continua, dizem. De que vale dizer?
Nunca a realidade foi tão indiferente à voz humana,
política ou sindical. O capital, hoje como sempre,
ordena, mesmo se agora é financeiro.
Desde que houve escravos houve capitalismo.
E a máquina muda, muda mais depressa
do que as supostas conquistas dos escravos.
A democracia tramou o ocidente.
Não há acidentes de percurso.
Há apenas homens fortes e fracos.
Os fortes, é a lei, e não só da selva,
dominam os fracos. Muito naturalmente,
pensam eles e muitos historiadores disto e daquilo,
aceitando o conceito de natureza.
É da natureza das coisas as coisas serem assim,
terem sido sempre assim, embora historiadores
da sociologia afirmem que já houve,
muito outrora, um comunitarismo primitivo
ou proto-qualquer coisa. Vem nos livros

este consolador arrazoado. E depois?
Depois, o primeiro de Maio não deixa de ser primeiro,
gostar-se-ia simplesmente de saber em quê.
Sindicatos desfraldarão bandeiras nas avenidas
das cidades, cantarão hinos desfasados,
os punhos levantados como se houvesse força
nesses punhos impotentes para trazer o mundo
às suas casas. Mudar o mundo mudam todos os dias
as finanças. As finanças. Ao que não existe
sempre se chamou Deus. Deus nada
mais é do que dinheiro, empréstimos e juros,
juras de que viver-se assim é muito melhor.
Melhor do que quê? Nunca houve o Homem.
Abreviatura para os homens, as mulheres, as crianças.
Há conceitos que não correspondem a nada.
Mas hoje, finalmente, Deus deixou de ser
um conceito, é uma realidade.
A finança na sua inexistência existe,
há paradoxos que sobrevivem à retórica
e ganham o que muitos dizem que é a realidade.
Maio, e nem sequer um pouco de sol nestas paragens.
Frio o dia, enublado, como, no fundo, bem no fundo,
o mundo dos trabalhadores contemporâneos.

1/5/2013

ÀS VEZES

Sentado num café drástico de Mem Martins
mem-martirizo a fímbria da memória que me resta
com a evocação involuntária de uma canção
tradicional americana levada a cabo pelo enlevo
de Dave Van Ronk, Jesus met the woman at the well,
ouvida esta manhã. Onde estou? Onde estarei?
Quero dizer, no caminho da vida, quero dizer,
no caminho da minha história. Sim, onde estou?
Olho para os lados. Gente. Pessoas sentadas
como se fossem pessoas, idosas quase todas,
consumindo um bolo frugal acompanhado do café.

Tudo me é estranho. Não porque estranhe o lugar, a crise que corrompe a mecânica social do país, mas porque a canção que me rasga a cabeça não coincide com nenhuma possibilidade real de coincidência. Não estou em Greenwich Village, New York, ninho preferido de Dave Van Ronk, mas já lá estive há muito tempo, se há muito ou pouco no tempo que se vive. Eis a verdade: Tempo não me faltou para estar em algum lugar. Quando lá estive, fins dos anos oitenta e noventa, não o vi, nem sabia sequer da sua existência. Tanto que se perde! Tanto acaso desperdiçado! Não o vi, e mesmo se o tivesse visto, que faria? Nada. A versão que ouvi esta manhã da canção que me arrasta nestas congeminações insuladas, Mem Martins ao fundo, Mem Martins à volta, arranha os meus sentidos com uma rouquidão de voz inusitada. Estar aqui, sentado num café, ou ter estado lá, não é a questão. A questão é ter estado quase sempre onde a consciência poucas vezes esteve. Tudo acontece na vida de todos como se fosse natural a possibilidade de se estar, mas será assim? O assim é profético. Van Ronk não está neste café, sentado ou em pé, porque não poderia estar. Morreu faz tempo. Faz tempo! As asneiras abissais que uma língua pode expelir, expurgar! Tanto para fazer, penso. Ou melhor, pensei. Esta manhã, ainda há pouco. Que faço aqui, sentado num café inexpressivo, a ouvir, num absoluto de mim que se ignora, um morto cantando e contando a história de um encontro entre Jesus e uma mulher? Ainda por cima junto a um poço! Drástico neste simulacro de pensamento faço de conta que não é comigo que dialogo. Ninguém deu conta de nada. Tudo se passa, na vida, como se nada se passasse ou se pensasse. As pessoas continuam a ser pessoas, a luz que mal entra no café nada mais é que a luz

da manhã que ilumina o café. New York está tão longe! No espaço e no tempo. A voz que canta não me abandona, mas Jesus ter-me-ia acompanhado ao longo dos anos? Já não digo junto a um poço. Às vezes, só às vezes, e muito lentamente, como quem não compreende o que lhe está a acontecer, penso que tudo poderia ter sido diferente. Quero dizer, a vida. A minha vida. Aqui, neste abstracto aqui, como num concreto ali, algures em New York, em Greenwich Village, por exemplo. Ou mesmo em Mem Martins, por que não? Às vezes não sei o que pensar. Outras vezes nem sei mesmo se sei pensar. Melhor, pois, ouvir certas canções flutuando na cabeça como se fossem a própria memória.

2/5/2013

OS ANIMAIS INTELIGENTES

Fim de semana magnífico, diria qualquer pessoa, contente na sua alacridade atmosférica. Pena que fosse precedido e concluído pelos discursos emasculadores dos dois políticos que aparentemente governam o país. Se houvesse ironia onde não há, diria, um pouco sibilino, que só as mulheres, obviamente, escaparam à emasculação. De qualquer maneira, e não é para os absolver, aos políticos, é preciso dizer que estes e todos os demais já não mandam em coisíssima nenhuma. Fazem de conta, para os parvos da democracia, que eleitos pelo povo fazem decorrer a soberania como qualquer coisa de inefável e de possível. Quem manda não é eleito. Nem está muito preocupado que os demais da tribo tenham ilusões democráticas. Quem manda é uma máquina. Uma máquina financeira. Homens e mulheres, como sempre, trabalham, uns mais do que outros, para alguns.

Os mesmos de sempre, mesmo que sejam outros
em períodos históricos das civilizações.
O processo é de tal maneira chato que me envergonho
de me ter embrenhado neste falso paradigma.
Dizer pobres e ricos poderá ser uma verdade,
mas uma verdade fastidiosa, que se repete ao longo
do mundo como uma necessidade do que é.
Não há pensamento nem meditação
que resolva este problema. Lamento.
Todos temos que viver, diz o truísmo abstruso,
todos temos que viver. Confesso,
nunca percebi o que fica dito dessa asserção.
Mas as pessoas entendem-na, repetem-na,
deverá pois conter alguma significação,
algum significado, algum sentido.
O mundo entra nesta língua sem ter sido convidado,
como se houvesse uma urgência, um perigo,
uma catástrofe que não fosse só teórica.
Não vou desenvolver este pedaço de argumentação.
Melhor reviver, se possível, o fim de semana
abraçado de um calor que deveria há muito ter chegado,
mas, diz a sabedoria popular, mais vale tarde
do que nunca. Maia vale tarde do que nunca!
Compreende-se, para as coisas desejadas
é assim. Para a perpetuidade da morte
ter-se-ia que dizer: Mais vale tarde que cedo.
Moral da história: Interesses.
A mola que impulsiona o mundo,
interesses. E depois qualquer coisa falha,
não é exacta no que se conclui.
Porquê? Porque se seria levado a julgar
que as populações da terra não teriam interesses.
Terão? Se os têm, têm uma estranha maneira
de os mostrar. Os homens e as mulheres,
coitados, pensam que podem delegar as suas vidas
aos poucos que dizem governar o mundo.
Ah!, o fim de semana magnífico na maturação
da primavera, a natureza vegetativa da natureza
explodindo em flores garridas nas árvores

de fruta. Um prazer inexaurível, vê-las visitadas
muito delicadamente pelos insectos
que nos seus talvez legítimos interesses,
sugar e armazenar comida para dias piores,
colaboram com os interesses das árvores de fruta.
Não haver pólen nas sociedades humanas!
Toques de nada revertendo em bem numa harmonia
que até rejeita esse conceito por ser desnecessário
ou irrelevante ao desenrolar da natureza.
Há em cidades do mundo quem discuta hoje
o que é a natureza, a natureza da natureza,
a natureza do homem, da humanidade em geral.
Em geral não podem competir em inteligência
com as abelhas que simbioticamente
ajudam as árvores a produzir frutos
capazes de saciar alguma fome humana.
A terra não é uma exclamação tonta. A terra.
Isto é, e para se ser mais preciso,
o chão de campos onde se cultivam vitualhas
que alimentarão os pobres e o ricos.
Não haver companhia entre os homens,
partilha de pão a uma mesa simbólica!
Mas ainda há fins de semana onde o sol
se solta nos céus com a naturalidade previsível
do que pode ser e acontecer. Aquecendo os corpos
dos que gozam e dos que sofrem, amoral
e indiferente como se nada do que é tivesse a ver
com ele. Um sol desprovido de qualquer crise.
Existindo no que se concebe como infinito,
rodando à volta da terra mesmo se a ciência
não confirma o que afirmam os nossos sentidos.
Numa ejaculação metafísica até apetece dizer:
Não ser sol! Não ser apenas ser!
Ter que viver em países onde ainda há,
como possivelmente sempre houve, pobres e ricos.
Ei-los, os animais inteligentes, escravos
do que pensam ser a glorificação da natureza!

6/5/2013

EFABULAÇÕES DA LÍNGUA DESCABIDA

É quase com um deleite misturado de prazer
que observo o branco de uma hipotética página de um livro
processando-se na tela do monitor em frente.
O branco também é uma cor, penso.
Visto da vista do esquema de impressão
a sua indispensável visão impressiona-me numa emoção
difícil de descrever. Por isso me abstenho.
Não percebo, contudo, o sorriso que sei existir na
comissura
dos meus lábios. Estarei apaziguado? Feliz?
A música é de Billy Hart, All Our Reasons o título do CD.
Apesar da estupidez que é dizê-lo, sinto-me bem.
Tudo velho a ocidente. A Europa,
esse velho continente, tresloucada,
ignorando, ou sabendo muito bem quem sabe,
o que fazer. Não há mingua de palavras,
a língua não está em crise. É da condição das línguas
serem indiferentes às diferenças
que atravessam as sociedades ciclicamente
promovidas a experiências do apogeu ou do declínio.
Mas não compreendo como, não havendo sol,
me possa sentir como me sinto: Bem.
Será da música? Talvez. Peut-être. Maybe.
Pode ser. Pode ser mesmo que não seja da audição
deste saxofone, neste preciso momento,
que o momento se exalta em perplexidades emotivas.
Olho extasiado as palavras inscritas no branco
de uma página de um livro virtual,
acho-as mesmo queridas, aceite a ambiguidade
implícita. Sei que desço uma estranha escada
formada de falsos versos,
mas ignoro onde me levará esta descida.
Não acredito em infernos. Ou melhor, acredito,
mas vividos ou manifestando-se neste mundo.
Por isso desço sempre, um sorriso nos lábios,
propenso a desculpar a gravidade
que me deixa cair mansamente nesta abreviada
extensão do que se pensa que é a realidade.

A realidade, neste momento, é a relação ignorante que mantenho com o real, esse indizível.
O realismo é outra coisa, ou melhor, muitas coisas, consoante os ramos da ciência ou das disciplinas mais ou menos contemporâneos.
Não haver sol onde há música é uma contradição, direi mais, uma blasfêmia.
O vocábulo estará bem empregue?
Há quem domine línguas e realidades e realismos, ninguém domina o real. É da natureza do real estar para lá de qualquer domínio, de qualquer dominação. O que é, como todos sabem, é o que é. Nada a fazer perante tal evidência. E o que é tem muita força, diz a língua onde desço como um peso pesado.
Não atingi o fim da escada, do fim da metáfora quero desembaraçar-me, aceitando novamente a ambiguidade introduzida na língua. A língua estará em crise?
De repente faz-se a dúvida. A dívida, dizem os economistas que colossal, nada tem que ver com jogos de linguagem. A Europa, afinal de contas, não é uma ficção! Mas aquela palavra, contas, deixa-me a pensar na inevitabilidade.
Não me perguntem de quê, também eu não sei. Pode ser, talvez, que todos os problemas se resolvam da melhor maneira possível. Quais problemas? Tão difícil dizer-se o que quer que seja. Tão fácil, para alguns, terem opiniões avisadas.
O branco do deleite prazenteiro deixou de existir. A escada nunca existiu. O sorriso perpassa como se estivesse incapaz de se compreender sorriso. Que se passa, verdadeiramente, com isto? Isto? Há enigmas em certos momentos da vida, há até vida em certas afirmações que se contradizem. Haver ou não haver, eis a questão. O quê? Dinheiro, mas com certeza! Que mais poderia ser?

6/5/2013

POEMAS DE HOJE

Um jovem poeta português, num apogeu da revelação, disse há alguns anos a quem o quis ouvir:
- Uma das frases que mais gostei que me tivessem dito, foi: “Gosto muito do que você escreve, mas não me interessa nada a sua vida”.
Não me interessa nada a sua vida: indiferença é a palavra de ordem. Festejada pelo poeta. Compreende-se, talvez interessarem-se pela sua vida lhe fosse inferido como uma bisbilhotice. E a privacidade é tão importante nas vidas que se pensam contemporâneas. Mas não são. Eliot poderia ter dito a mesma coisa, Ezra Pound, seu amigo, também. O seus impessoalisms, propostos pelos self-contained poemas que idealizavam, descambaram no que se sabe: Desprezo pela democracia. Nietzsche talvez tivesse razão ao explodir na sua hipótese de um eterno retorno do mesmo. (Mas não tinha.) Ao genial e português modernismo de Pessoa, datado, corresponde hoje, aparentemente, um modernismo abstruso e variavelmente ingênuo. “Não me interessa nada a sua vida!”
O poder tenebricoso do capital campeia feliz pelas mentalidades periféricas, fazendo pensar a quem pensa que pensa que pensa pela sua cabeça. Baudelaire nunca acreditou no progresso. A indiferença disfarça-se em muitas máscaras. Eu, que sou eu, aqui vivendo, interesse-me pelas vidas dos que escrevem com as suas vidas poemas olvidáveis e obscenos: morre-se na Somália de fome, assim, como se nada fosse. Este nada nem sequer se abre como um niilismo saudável. E este desinteresse é, infelizmente, um verdadeiro interesse. Safe-se quem puder, lê-se nos poemas de hoje.

7/5/2013

SOBREVIVER

Há espantos que não sabem exprimir-se.
Argumentos que não afloram a consciência.
O real de tal maneira distante e diverso
que só resta a quem sente sentir um vazio.
Ou uma perplexidade afônica, indescritível.
Rodeado de mundo quem vive um minuto
que seja a experiência do mundo deveria
ficar ferido para sempre. Tal a violência.
Mas não. Há-os, não faço a mínima ideia
quantos, que não sucumbem à mecânica
das modernidades malditas. São fortes.
Outros diriam, insensíveis. São os pilares
da sobrevivência. Mas para quê? Viver
decorre de um acaso biológico, sobreviver
advém de uma ideologia fatalista. A todo
o custo, passar os genes de uma geração
para uma outra geração. A humanidade
predispõe de um imperativo categórico.
Homens e mulheres nascendo e morrendo
obedecem a desígnios incompreensíveis.
Perpetuar o sofrimento que só eles sentem.
Animais imperduráveis poderiam ao menos
desejar transformar o sofrimento em prazer,
ou, pelo menos, em algum conforto carnal.
E, já agora, da consciência. A inteligência
não é tão inteligente como se apresenta.
Resolve os seus problemas mesquinhos
e diários com furtivos sobressaltos, laivos
do engano, da alienação ou da decepção.
Mas não o problema. Como mudar a vida,
fazê-la vibrar no auge das possibilidades
que se oferecem à humanidade de todos
os que pisam o chão da terra ancestral.
Há espantos que têm muita razão de ser.
Quando se confina a vida ao sobreviver.

7/5/2013

A RUA, O ESTERCO, O SER

“A rua”, discutida agora como problemática socialmente política, como há muito se faz desde que a cidade deixou de ser o campo, nada tem que ver com aquela que sulco no momento. Esta rua por onde vou deixa muito a desejar para ser política, polida, prolixa como é no lixo que a moldura numa apoplexia da sensibilidade. Verdade que não estou na baixa lisboeta, que não percorro a inclinada rua dos clérigos, que não me espraio pelas avenidas recentes da cidade onde nasci, Vila do Conde. Esta rua fica a alguns quilómetros da vila de Sintra, faz parte integrante da sua autarquia, coincide com muitos pés dos seus suburbanos residentes. Não posso, do fosso da memória, compará-la com certas ruas da Índia de há vinte anos atrás, não há eflúvios gravosos evaporando-se das entranhas dos asfaltos, mas mesmo assim, para o olhar e os pés, é um quase nojo. Não deveria ser tão severo com esta falta de educação? Ou devo, agora que as eleições autárquicas prolongam as vozes dos que pretendem assumir um comando? Há ruas históricas porque filosóficas, estéticas, revolucionárias, científicas, que terei que fazer para transformar, esta rua problemática, numa preciosidade relevante do património não só local como nacional? Que facto, que feito terei que inventar para poder elevar a monumento o que se me apresenta não só como um sórdido objecto de contemplação, mas também como objecto? Fingir que não há rua onde a rua não se desmente como existindo? Esquecer o que vejo? Ou, talvez mais drástico o gesto, evitar confrontá-la na necessidade que me faz passar por este crime higiénico? É uma possibilidade, diriam talvez as gentes

que se orgulham do que vivem. E depois, pensando bem, que importância tem o que tem? E que sentido fará sentido ao trazer à língua tão mesquinho fenômeno da contemporaneidade urbana? Que culpa tem a rua de eu ter que passar por ela? Há tanto mapa encruzilhado de ruas, por que não escolher uma outra mais civilizada? Teria que fazer um desvio elíptico, certo, mas não seria até mais vantajoso para uma saúde que se queixa da excessiva gordura do corpo? Poderiam, se pudessem, mais tarde, dizer que esta rua que agora calcorreio, pé ante pé, com um cuidado extremo, ao ser evitada, até me teria facultado muitos mais anos de vida, salvando-me para uma velhice histórica. Não dizem que há males que vêm por bem? Há, possivelmente, muita porcária que é benéfica. Ah, não possuir, com esta idade, a agilidade mental para descortinar no acervo de porcárias uma que nos faça bem. Mas tem que existir, tem que existir! Há muitos anos, lendo livros falsamente eruditos, no sossego esporádico de casas habitadas como eu as habitei, fui induzido a pensar que em grego as palavras ser e esterco eram foneticamente contíguas. Afinal, não são. Porém, como não se deve dizer que desta água (desta ignorância) não beberei, também não se deverá dizer que do ser não serei. Esterco, por exemplo. Há quem tenha repugnâncias e prefira a higiénica cremação. Mas esta opção, concordam, não é para todos. Fica mais cara. Sempre gostei, não sei porquê, da passagem bíblica, em língua inglesa, ashes to ashes, dust to dust. Há ali uma profundidade quase comovente. Um não sei quê de humanidade. Modificaria o seu estatuto estético e trágico se acrescentasse, da minha lavra, shit to shit?

7/5/2013

INTIMIDADES

Qualquer coisa de íntimo que me pudesse oferecer,
uma deslocação da alma, um auge do espírito,
uma breve paixão pespegada ao delírio do corpo,
enfim, qualquer coisa que me introduzisse
no mericismo da ilusão. Mas nada.

Não sofro com isso. Antes sinto, feliz
de si mesma, uma liberdade sustentável,
uma disponibilidade para aceitar do mundo
as suas várias vozes e as suas representações.

Não se discute o que é o mundo.

Muitos o fizeram e ficaram na mesma,
apenas com uma intuição eleita em verdade.

Vive-se na indesculpável materialidade do que é,
umas vezes dependentes do sofrimento,
outras vezes entregues ao prazer patético.

Não há destinos, mas isso importa?

Cada um vive a sua suprema ficção, bóia
de uma salvação sempre periclitante e abstracta.

Este último adjectivo, que irrompeu mitridático,
não me parece o mais apropriado para convir
a um pensamento, seja ele o mais indecifrável.

O momento oferece-nos possibilidades,
configurações de língua na disponibilidade
de atingirem um alcance, o real sempre à volta
como voz chamando a consciência

a aproximar-se da sua inexorável presença.

Onde um substrato para a intimidade?

Tudo penetra em tudo numa sublevação
de acasos, do que acontece na contingência
do que nos acaricia com uma crueldade crucial.

Vou pois sugerir que só há superfícies
e reflexos hiulcos quando o sol os beneficia.

Reflexos de reflexos nunca poderemos arquitectar
um oco na plenitude de um centro dentro
de quem se é ou se pretende fingir ser.

8/5/2013

OUVINDO TRYGVE SEIM

Há certas músicas em que não se pode fingir que se ouve. O que se ouve obriga-nos liberalmente a sentir que algo está a ser dito na impossibilidade do dizer. Verbal. Passei a manhã preso a este deslumbramento, chamado a outras dimensões da realidade, inseguro de que o tempo fosse suficiente para sentir qualquer coisa que me intuisse numa audição. Cada som um instrumento, cada instrumento o efeito de um *continuum* cerzido de pontos de chegada tocando pontos de partida sem que uma clivagem tivesse que desmembrar o tempo em percepções breves de rupturas. Sons dão a mão a outros sons, e súbita a ideia, se o mesmo acontecesse com a humanidade? Não acontece. Mas a duração, reflexa e reflexiva, impediu-me qualquer meditação sobre a sorte do mundo entregue a deteriorações de sociedades. Goza o corpo através dos ouvidos, um prazer icástico explode na incomensurável exteriorização da presença da carne, como se fosse assim que se pudesse amar os homens e as mulheres que pululam coevos na globalidade sensível e sensual de um globo achado. Impossível o pensamento desfiz-me em sentidos diluídos numa incompreensão solaz, que bom poder-se viver na eclosão de um tempo povoado de harmonias em melodias inacessíveis à consciência. Ou mesmo inexistentes. Enquanto o olhar de quem se é não conseguia ver o que quer que seja, uma cegueira feita de objectos e de espaços sem uma realidade minimamente material ou mesmo psicológica. Enquanto a música se distendia num desvelo de tempos, presentes, futuros, passados, passagens galvanizando a presença de uma manifestação aquém e além de qualquer percepção mimética. Há certas músicas que nos fazem ouvir o inaudito de uma experiência expressando-se de inexpressão.

8/5/2013

A TERRA

O campo não se mexe. As árvores não se mexem.
Prazer, não sentir no corpo votivo um vento frio,
desagradável, paralisante para qualquer acção.
Por isso ele sente-se quase obrigado a fazer qualquer coisa.
Despe as calças citadinas e desembaraça-se dos sapatos
demasiado novos. Que há a fazer? Primeiro,
dar de beber a quem tem sede. As jovens videiras
que tentam sobreviver num inóspito terreno
ressequido subitamente apesar da chuva caída
abundante durante todo o inverno. A terra não presta.
Amarelada como se nela coabitasse um saibro amarelado,
cinzenta em pontos onde aflora um barro inútil.
E depois também seria necessário terraplanar
a superfície convexa do enclave ligeiramente quadrado
que mandou escavar no terreno inclinado. A intenção foi boa
ao levar a cabo tal empresa. Evitar o vento salgado
que se precipita de um mar visível a alguns quilómetros.
A intenção foi boa, o plano parece ter saído gorado.
A mecânica do vento é muito estranha, ignora-a.
Ondula como se desejasse com a sua carícia ignóbil
destruir qualquer vegetação que não seja a que aceita
por uma arbitrariedade consuetudinária e histórica.
O vento do noroeste, de uma violência extrema,
não permite, no espaço que ele abriu, o aparecimento
do novo, a tentativa de uma experiência produtiva.
Mas o problema do dia é simples. Regar as videiras
que irrompem, caules frágeis, de uma terra gretada.
Folhas incoativas, de um verde sanguíneo animam-no.
Abre a torneira, dirige-se para o seu fim, a água aflui
primeiro tépida, porque exposta ao sol benévolo
dentro da mangueira, depois fria e refrescante.
O côncavo que alberga cada planta enche-se de líquido,
borbulhas assomam à superfície da terra, vazios
preenchendo-se como uma lei física afirmando certezas
que muitas vezes não correspondem à realidade.
Prazer, sentir nas botas a macieza da terra húmida,
como se ele fosse um epifânico homem atmosférico

trazendo chuva canalizada onde a água da chuva verdadeira se evaporou nos poucos dias de primavera. Ver, sentir, ouvir o som da água afluindo numa ejaculação infundável e em tudo metafórica porque catacrética. O real é também infundável. Perdido na sua indiferença comunicativa não o convida a um desejável diálogo. O real é um nada. É um tudo. A água que desaparece no incomensurável delírio da terra enche novamente cada minúscula cratera, pobres das raízes. Cumprido o dever, dar de beber a quem tem sede, acerca-se da enxada que exigiria mãos calosas e rejuvenescidas e começa, num esforço desumano, a retirar da petrificada terra a terra que impede, no inverno, que as águas deslizem para a linha de água. De tão seca, a terra, nada mais faz, ele, que escarificá-la. As costas do corpo, vergadas, oferecendo-lhe uma dor excruciante. O corpo, sob um sol abafado, exsudando excreções carnis, os poros do rosto perlando-se em gotas que vão caindo do boné chinês e encharcado. Meia hora de suplício. Mas alguém, pensava, tem que fazer este trabalho. O prazer de sentir nas papilas gustativas o sumo de uma uva ecológica obriga-o a este sacrifício. Valerá a pena? Não sabe responder à estúpida interrogação. Cansado, perdido num desequilíbrio do corpo que o faz cambalear sem orientação precisa, a torneira fechada, a enxada às costas, percorre passos perdidos pelo terreno inclinado em declive. Pensa, não tenho idade para isto. O terreno, mais dia menos dia, voltará à terra depois de todo o esforço em torná-lo mundo, civilização. O coração não dá de si mais do que dá, uma ofegante respiração, um temor. A casa aparece depois da última barreira de canas que há muito plantou para fazer frente ao vento. Ao lado, algumas macieiras tentam atrair as abelhas ou outros insectos para que a polinização se consuma. Uma beleza, ver chapéus-de-chuva floridos.

9/5/2013

TEMPO PASSANDO NO TEMPO

Inevitável como uma imaginação infrene
sente que algo está mal. Ignora completamente o quê.
O mal não vive de nenhum quê, diz-lhe a voz
concebida há muito pelo truísmo como interior.
Olha para todos os lados à volta, reconhece,
tudo como estranhamente no dia anterior,
e no entanto houve tempo passando no tempo
que todos os dias ocorre como se fosse uma verdade.
Que relação mantém ele com a verdade?
Acredita que seja possível considerá-la possível?
Um olhar sentido diz “bem-vindo” ao que aparece.
A sensibilidade não sabe o que fazer com a inteligência.
Coexistem para se lançarem em aventuras
da realidade, rivalizam-se em apogeus da acção?
A luz do sol nunca é a mesma ao longo do ano.
Cada dia a tonalidade é diferente.
O inverno não a concede como no verão.
E depois há os acidentes, nuvens e cinzentos,
chuvas transformando o que ao longo do ano
se transforma. E a latitude, e a longitude
nesta inexplicável meditação. Olha em frente
com um sorriso em alguma parte do seu corpo.
Está feliz? Está contente? Ou simplesmente
passa de pensamento em pensamento
porque a corrente de consciência coincide
com o que é obrigado a viver como consciência?
Sente qualquer coisa? Sente no rosto intransponível
a materialidade da luz do sol, um calor, um brilho,
uma carícia de tal maneira física que concede à hora
uma quase metafísica do real. Há uma sexualidade
inerente ao toque e à percepção do real.
Uma ofegante e macia leveza anulando o ser
de que falam em filosofias históricas.
Os arredores vistos da portada do apartamento
traduzem-se em algumas árvores tocadas
de um vento móvel, em gente, homens e mulheres
mais do que crianças, em movimento,

indo em todas as direcções. Não há centro do mundo.
Dizem. Onde estará ele? Em que periferia?
Mas o redor, à volta, faz dele um centro.
Centro de quê, se não pode ser do mundo? Boa pergunta.
Irrespondível. É sempre assim, as perguntas
fundamentais nunca despertam boas respostas.
Despoletam apenas vazios silêncios da incompreensão.
Pensa, viver-se uma árvore seria mais fácil.
Mas que sabe ele do que se passa com elas?
Sabe que, como ele, estão expostas ao tempo
que, cronometrado ou não, sempre passa.

10/5/2013

O LOGRO

A manhã na sua materialidade pouco convincente
tem sido obrigada a coexistir com a música
mais audível de John Zorn, uma vingança pueril
talvez diante da fealdade atmosférica.
Há coisas que se fazem dificilmente explicáveis.
Mas tanta desarticulação do tempo deixa de ser prazer
para se transformar num real sofrimento.
Só uma pacacidade saudável poderá ser eficiente
como antídoto para o tempo de crise que se vive.
É esta a política no raio de acção que o corpo sustém.
Tudo o mais são dispersões de políticas absurdas,
exalações de guerras ctónicas levadas a cabo
pelo mistério ganancioso da finança.
Há um vírus culminando na psicopatia
de alguns lugares do mundo, homens dizem
o que fazem, fazem o que dizem, ganhar dinheiro.
E ninguém sabe pôr fim ao presente holocausto.
Os países amarfanhados temem não se sabe o quê,
e este quê, quase infelizmente, nem sequer
é metafísico. O mundo encheu-se de porcaria.
Ninguém para o emundar de novo. Não se pode pedir
à música legível de John Zorn que resolva
a dissolução de uma ética que se pensava civilizada.

Nunca houve, em certo sentido, ética, nem mesmo, já agora para se findar o pensamento, civilização. Há ilusões, desejos de, pretensões a, convicções, mas de vez em quando, para não se dizer sempre, o real do que acontece não permite o consolo de uma realidade, de uma comunicação com as coisas que irrompem na história como inevitabilidades. A humanidade é fraca. Ocupada em ninharias e em desvios da atenção deixa a inteligência de alguns tomar conta do mundo, isto é, das sociedades incapazes ainda de advir comunidades pela frequência da amizade ou do amor. Uma chatice, sofrer-se o evitável. Mas quem é nada mais é do que uma singularidade única, como aconselhar aos habitantes da terra estarrecida uma vigilância, um cuidado, um carinho? Cabe-lhe sofrer as consequências do descuido dos outros. Daí que a música, de Zorn ou de outros, seja um bálsamo, um conforto, um, e como é triste confessá-lo, esquecimento. Uma alienação lúcida. Vozes de crianças sobrepõem-se à música, saída da aula na escola em frente do quarto. Se pudessem, essas vozes, alguma vez, em algum futuro, ser música! Não haveria mais especulação que resistisse ou tentasse mesmo existir. Ah, mas ucronias, como utopias, são sonhos. Falidas as poéticas, só uma atitude porética poderia salvar a humanidade dos sofrimentos infligidos pelas mentalidades doentes. Todos, de uma maneira ou de outra, aparentemente, têm que sofrer! Só aí parece haver fraternidade, desejo de igualdade, corrupção da liberdade: no sofrimento. Como se as dores que nos catapultam ao desespero individual não fossem mais do que suficientes. Corrupto o mundo, onde alicerçar uma outra casa na trágica vicissitude da terra? E que terra estará disponível para continuar a aceitar o logro?

14/5/2013

TEMPO E MÚSICA

'Time as it grows old teaches all things',
era um lugar comum grego, segundo Ésquilo.
Neste tempo, por mais que o tempo envelheça,
não consigo perceber o que me possa ensinar.
Serei estúpido? Ou será que o tempo,
hoje, não envelhece? Sinto-me ainda mais
estúpido por ter formulado a pergunta.
Ouço, mas por acaso, Le Temps et l'Écume,
de Gérard Grisey. Nunca compreendi o tempo.
Se nascia, se envelhecia, se irá desaparecer.
Nunca apreendi, com certeza, a razão
da retórica (metáforas, metonímias, imagens),
nas línguas humanas. Devo ser muito estúpido.
Aceitar a minha estupidez é o que poderá
haver de mais sensato. Mas o tempo,
por mais estúpido que me pareça dizê-lo,
nunca me ensinou nada. E, no entanto,
envelheci. Vi coisas acontecerem ao longo
dos anos, e nada. Nenhuma aprendizagem.
Dizem, os que dizem, que na velhice há
certas possibilidades, certas virtualidades.
Que devem, sensatamente, ser aproveitadas.
Não, nada me ficou da espuma dos dias.
Há memórias, incertas e conflituosas,
mas ensinaram-me alguma coisa, isto é,
a viver, a envelhecer, a estar preparado
para morrer? Nada. Sei que não sou grego,
às vezes pergunto-me se sou humano.
Sou talvez como esta música, comparando
incomparáveis. Fogachos de luz irrompendo
caóticos de glaciares ctônicos, a descrição
falha. Compreendi alguma vez a música,
mesmo aquela que me apraz no prazer
de a ouvir sem nada pedir que me ofereça?
Tempo e música oferecem-se sem promessas.

15/5/2013

A ALEGRIA

E no entanto. Quantas vezes recomecei uma fala, uma escrita, mesmo um pensamento, com este indesculpável, por inadmissível, e no entanto? Quererá dizer, numa sinonímia abstrusa, o mesmo que contudo? Com tudo, aceito e concedo, mas com tudo o quê? Que tanto é este tudo? Que tudo será tanto? Ignoro. Porém, quantas e quantas vezes não me servi das possibilidades semânticas desta, segundo as gramáticas antigas, locução conjuntiva, para contrapor a algo alguma coisa? Intuitivo na conjugação de um acaso com uma sorte evoluo pleno de desmedida na incomensurável necessidade de dizer, de falar, de escrever, de pensar. Que mais há a fazer? Fazer? Criar? Trabalhar? Fazer o quê? Criar como, se de divino não tenho nada? Trabalhar onde e em quê? Muito melhor estar neste aqui realista vendo o que se passa em volta. O mundo nada tem que ver com o que vejo da janela. A terra acomoda-se ao tempo que faz. Uma frialdade incompreensível, um vento inoportuno é o que faz. Apesar do sol. Pobre astro à deriva no espaço celestial, como se dizia outrora. Mas a hora técnica, com certeza, até já mudou esta afirmação. Tudo muda no que muda, e no entanto nada realmente muda. Homens e mulheres gozam e sofrem, nascem e morrem, vivem sem saber porquê. E muitos deles, sem sequer saber como. Há uma tristeza pairando, sibilina, sobre esta meditação pedestre, uma tristeza por nada mudar no que muda. E no entanto uma alegria procura, a todo o custo, ser tudo. Apagar tudo o que nos faz sofrer. A dor, sobretudo, de nos sabermos fragilmente

humanos. Uma alegria vinda não se sabe de onde, não da nossa humanidade. A alegria animal da vida que tantas vezes nos deserta quanto mais precisamos de um abrigo, do afago de umas mãos. Chamam-lhe amor, a essa alegria. E no entanto, quantas vezes, cegos e apressados, não a sabemos reconhecer?

15/5/2013

REALMENTE

Maio está em plena crise. Agora mesmo, enquanto nuvens volumosas se destacam do azul de um céu inesperado, uma chuva transversal cai sobre este lugar do mundo como se tudo fosse possível. Tudo é possível, eis o problema. Para já não se falar do frio polar que desce dos confins do norte terebrando corpos e almas, possivelmente até mentes e espíritos. Um frio transportado por um vento indecente, abjecto, desprovido de qualquer projecto que não seja danificar a ideia que se acalentou durante uma vida do que deve ser o mês de Maio. Não haja dúvidas, Maio está em plena crise. Importa pois que a música de James MacMillan, veiculada pela peça Tryst, tente, num esforço implausível, mudar o estado de coisas? Isto é, o estado do estado a que se chegou? Procura-se com atmosferas auditivas rasurar atmosferas entregues pelas sensações do corpo, compreende-se a tentativa, mas não será em vão? A interrogativa não contém em si nenhum cepticismo ou pessimismo, tudo bem, tudo bem, no problem. Mas para quê iludir a realidade, não atender ao real, ao que se observa e testemunha, se Maio, realmente, está em plena crise?

17/5/2013

O MISTÉRIO

Tardes tão longas que dificilmente se poderá esperar por um crepúsculo. Mas ele virá.
Um sol emaciado debate-se escrupulosamente na deiscência azulada do céu, na terra onde se vive um vento frio fere furibundo qualquer sensação que se possa ter da realidade. Claro que a música acompanha a nebulosa mediocridade do momento, até possui um nome e um autor. Time and Again, de Tristan Murail. Entre o espaço imperecível e o tempo consuetudinário o interesse do que é e se manifesta atordoa, nada disto será possivelmente viver, mas disto se fazem os nadas que explodem em cósmicas galáxias do sentimento inesperado. Virá, sem dúvida, o que tiver que vir. Há um quê que se alça ao sentido de uma hesitação, a atracção de se pensar que algures uma voz desvela ritos e ritmos e seduções emotivas. Time and Again, indeed. Línguas assaltam a consciência, acarinhá-las com cuidados de pai ou de mãe, se for possível. Há abstracções mais frementes e concretas e vividas que pareceres da sentimentalidade, mas quem poderá compreender a ustão da aurora? Ela também virá. Entre ir e vir corre célere o vaivém da uma imanência iminente, rasgos de inteligência de nada servem quando se deseja profanar o mistério. Qual mistério? Desintegrações de som soltam-se na nomenclatura do destino, ouvir, ver, sentir no corpo o vazio do que nunca pôde ter acontecido no azar do acaso. Gozar o sol, a música, a tarde. Enquanto do crepúsculo não há o mínimo sinal.

20/5/2013

A LÍNGUA

E a língua vocífera, continua, continua.
O quê? Vocífera, vocífera, é o que a intuição
ouve no despojo indescritível do instante,
continua manejando-me como se as palavras
fossem mais do que são, como se nelas
houvesse súbitas janelas de uma percepção
ignorada, atada a desculpas do génio.
Haverá pachorra? Sopesam-se delírios
de arbitrariedades descomunais, silêncios
insinuam-se pelos dedos enclavinados,
lugares de um comum acordo com ninguém,
nem mesmo com o nada da loucura.
As palavras. Corpos tecidos de sentidos
imperceptíveis, pesos adustos brevemente
tocados pela consciência, saliências
surgindo como epígrafes de uma doação.
A quase sexualidade obumbrada pelo zelo
do que se pensou ser uma sensualidade
dentro dos limites da lei, que dizer não dirá
mais do que a existência do acontecimento?
Que acontece a esta língua que conversa,
que acompanha num filosófico esmero
o tempo de uma observação ontológica?
Companhia é o nome da coisa, de um pão
partilhado quando a convulsão do mundo
tenta inebriar com históricas ilusões
as mulheres e os homens obnubilados.
Continua, continua, cada porisma ama
o seu segredo e o seu desconhecimento,
mas o que se poderá escrever nas paredes
das sociedades decapitadas pelo capital?
Não há língua que resista a uma percepção.
Não há uma percepção que não seja
devorada pelas línguas da humanidade.
Nada de novo nesta idade, mas continua.

20/5/2013

NA MEMÓRIA

Quantas e quantas vezes, em tempos idos,
escrever um poema era uma perfeita analogia
com um mergulho em águas profundas e inadiáveis,
o corpo descendo sempre até onde o fôlego
o permitisse, num descuido suicidário,
procurando descobrir um limite aquático,
um começo de um além inatingível, futuro
de um nada, alcance de um desejo, de um fundo
onde se pudesse merecer a ousadia do saber.
No sufoco dos pulmões intelectuais o corpo
estrebuchado pelo desequilíbrio impetuoso
fazia uma reviravolta e ascendia desprendido
até à luz difusa da realidade consabida, do ar
que flutuava sobre as águas consubstanciais.
Respirar. Respirar. A morte ainda rondando
como um apogeu imperdoável, a vida
desflorada da sua virtude biológica, terrena,
como se o crime fosse uma existência perene
saldando-se pela incógnita de um destino.
Depois do acontecimento sobravam apenas
palavras aplacadas e pacíficas, sintaxes
incapazes de qualquer corrupção, sentidos
um pouco incompreensíveis, como se algures
um lugar pudesse ser adivinhado, um tempo
de clandestinos dizeres proferidos por vozes
que ignoravam de todo o som das musas.
Assim ficou na memória a presença fictícia
de fenómenos ingovernáveis, de suicídios
incomensuráveis por não terem sido levados
a cabo, além e aquém da morte como da vida.
Sim, em tempos idos, a língua de todos os dias
exigia do sentimento uma emoção profunda
e criminosa, como se uma droga precíval
transportasse na sua transformação icástica
um outro ser humano, quantas vezes indizível.

21/5/2013

AGORA

Agora o livro de porismas desconhecidos e intraduzíveis na língua da comunidade é uma função incandescente da música que perpassa pelos dias, sons apelando para que alguém se aproxime do local do prazer e da alegria, mesmo se a dor é uma constante da realidade quotidiana. Agora sente-se cada palavra na leveza de um som saindo de um instrumento, a melodia desdobra-se em harmonias, acervos de pensamentos adunando-se em apogeu de emoções, auges breves como a sensação que se detém férvida na hipótese intelectual de um instante. Violoncelos de John Tavener acariciam o tempo que passa e trespassa, a luzidia luz da tarde esquece-se de quem ouve o que vive, nas paredes do quarto o sul soletra arabescos indefiníveis e icónicos, que espectáculo!, diriam certas pessoas. Acertos do acaso evoluem, uma página promete um livro, compromete quem o escreve, mas não foi sempre assim? Assim cosido ao real quem se desloca no som contínuo não sabe onde acaba a vida e começa a morte, assim a coisa que se faz ouvir obriga a consciência a proferir a palavra beleza como caso consumado na ausência do possível. Deixar-se ir na iminência ingovernável, pensa quem escuta o que o transporta para regiões insuspeitas da intemerata sensibilidade, deixar a mente flutuar numa dimensão para lá de qualquer corpo, os sentidos livres, desalmados.

21/5/2013

PASSEIOS

Passeios sobre passeios calcetados pelo tempo, concavidades extrovertendo-se em convexidades, sucessões de pés impedidos de encontrarem uma terra firme, um plano, uma superfície. Assim vai da higiene física que se impõe ao corpo incapaz, hoje mais do que nunca, de um delito. Andar, andar, é o que diz a medicina aos idosos deste tumulto colectivo, andar, andar, viver os últimos anos como se não fossem os últimos. Mas em que passeios? Mas sobre que passeios? Aí ninguém responde. Ah, não custa aconselhar, mas providenciar possibilidades é uma questão que ninguém sabe resolver. Compreende-se. Um pouco de imaginação, dizem os políticos responsáveis pelo estado de coisas, improvisar é fundamental para se manter a cabeça jovem, activa, saudável. Imaginar que os suburbanos passeios são outros passeios, pertencem, já agora, a outra realidade, mais conforme, mais, como dizer, harmoniosa. Pena as pernas e os pés não estarem à altura das injunções imaginárias. Em cada passada há a sensação de uma queda, de uma perda de equilíbrio, de um, como dizer, mal-estar catalogado há muito de endémico. O país pobre é um pobre país. Mentem-se anos de vida como se na vida tudo fosse juventude. No meio de uma suposta encruzilhada o olhar eleva-se para o céu perscrutando outro céu, mas tudo é azul, exceptuando o voo aracnídeo de algumas nuvens insolúveis. O sol convexo, em certo sentido, vexa-nos com a desmedida de um esplendor talvez velho demais para ser ainda cantado nesta época económica, cómica explosão financeira financiando-se no espanto que toma a realidade dos povos e das populações. Algo está errado, dizem. Não só os passeios das cidades infelizes, como os acontecimentos

que procuram preencher de vicissitudes a dor das famílias e dos agregados ainda humanos. Sofre-se tanto, há quem diga. Esses malandros, soltam no ar atônito vozes ásperas. Há ditados que se infiltram na consciência dos mais lúcidos: Quem pode manda! É a guerra, é a guerra, diz quem vai mais longe que as nuas aparências. Nenhum passeio, por mais higiénico, redime. Pé ante pé, cansado do corpo como do que é a sua confirmação e o seu sentir, vai pela rua a descrença que ainda possa haver uma nova rua no coração das cidades ocidentais. A luta, afinal, não continua. Só o azul do céu, o sol, o passeio deformado, parecem sobreviver tão bem que mal, como dizem outras e estranhas línguas. Tão bem que mal! Eis o mundo hoje, paradoxal dilúvio de expressões despojadas de qualquer vitalidade, de qualquer emoção. Melhor, mesmo, é regressar a casa, o exercício físico para outro dia. Nada como o lar, pensa o lugar-comum. Há sempre uma mesa farta onde pontifica, esmorecido, um ignóbil pão. Passos que se dão para nada. A sociedade do lazer, diziam não há muito tempo. Onde? Em que civilização? Sobram, ainda visíveis, as ruínas. O tempo não condiz com o tempo. Quanto ao lugar, é sempre o mesmo: A terra gira na plenitude de um planeta convencido que é um globo. A filosofia, política e a outra, não atina: Mas há realidades que são ilusões.

21/5/2013

É ASSIM

Debates televisivos transportam telespectadores para redundantes teledistâncias do absurdo, que vai ser de nós, que vai ser de nós, gemem despudoradas populações.

Que vai ser de nós? Houve, alguma vez, um nós?
Sem cinismos redutores, houve, alguma vez,
em alguma parte, um nós? Nós há muitos
quando se perfilam nas mãos trabalhadas cordas
capazes de se entrelaçarem num aperto duradouro,
mas nós, socialmente considerados,
alguma vez se vincularam numa realidade
que muitos chamam de comunidade electiva?
Não se estranhe a pergunta. Respondam.
Debates que apresentam realidades indecisas,
fala um comentador, concorda-se com o que diz.
Fala outro comentador, é-se obrigado
a concordar com o que diz.
Mas disseram duas coisas diferentes,
diametralmente, dir-se-ia outrora, opostas.
Fala um outro comentador. O que diz, diferente
das diferenças já expostas, faz sentido,
concorda-se. Que verdade há no mundo,
que verdade é mundo? Mas então, pensa
o telespectador amedrontado no seu sofá lívido,
não há verdade? Mas só apontamentos
de opiniões que exsudam as ideologias convictas
dos comentadores? Que dizer do real,
do que acontece todos os dias?
Apenas factos histriónicos incapazes
de acederem à ideia que se faz e fez de história?
Quem somos? Onde estamos?
Que vai ser de nós? Nenhum ser,
por mais divino que seja, por mais humano
e erudito que possa ser, por mais que pense
que sabe o que sabe, poderá responder,
em boa ou má consciência, à pergunta premente.
Há situações da vida em que não há poder.
Há poderes que não estão interessados em resolver
nenhuma situação. Mas então, dirão
alguns dos telespectadores, estamos sitiados,
e se sim, por quem? No começo do século XXI
quem mais ordena não possui um rosto.
Poder-se-á, breves e iludidos, pensar,

mas sim, os bancos, os capitalistas, os malandros da finança e das economias possantes. Certo, certo, mas quem sabe o que é um banco?
O capitalismo financeiro? A roleta fiduciária?
E mesmo que alguns saibam, que importância tem isso? Resolverão os problemas dos telespectadores atônitos que assistem, inatos, aos debates televisivos? Já se disse, em plena história de nascimentos de fé ocidental, eis o pão, eis o vinho. Que mais quer o telespectador concutido com dúvidas?
Casas, apartamentos, automóveis, utensílios capazes de tornarem a vida mais cómoda?
Há promessas, escreveu, não faz muito tempo, um filósofo contemporâneo e aplaudido, que não são para serem cumpridas.
O capital dá, o capital tira. É assim. Ciclos de ciclos. E ciclicamente acontecem fenómenos deste tipo. O eterno retorno do mesmo.
Que resta aos telespectadores sinceros, e muitas vezes honestos no seu temor medular, que não compreendem os mecanismos do poder? Alguns dizem: Aguentar. É assim. Sempre foi assim. Mas será sempre assim?
Nenhum adivinho poderá responder a essa pergunta. Poderá apenas consolar os telespectadores explicitando uma sabedoria milenar. O que cai no chão de um descontentamento sofrido como dor não poderá ser eterno. A eternidade não existe. Será verdade, mesmo que a verdade não exista?
Findos os debates, debatidos os aspectos mais discutíveis do que vai acontecendo dia a dia, alguns telespectadores ainda têm a sorte, dirigindo-se para a cozinha, de ver algum pão sobre a mesa demagógica. Levam-no até à boca e disfarçam, com amargura bovina, a fome.
A vida é um mistério que desdenha dos oráculos.

22/5/2013

EM REDOR

Uma acalmia quase musical transparece em redor,
será deste mundo? Pergunta estúpida.
Bate o sol sobre os edifícios expostos à luz
da manhã, tão bom estar-se vivo, apesar de tudo.
Este tudo infiltra-se na consciência
como se desejasse ser um todo, porquê?
Gozar o momento, a luz benfazeja que se expande
sem teorias nem argumentos mais ou menos científicos,
gozar a luz, o olhar, a presença das coisas.
E soletrar palavras inauditas, vindas da fundura
do tempo, incapazes de se transformarem em língua.
Nem tudo é mundo, nem tudo é terra.
Nem tudo reveste a forma de um social convívio.
Há momentos que ultrapassam o tempo,
não pretendem fazer parte da economia ontológica,
perpassam apenas num simulacro de existência.
O nada também possui a sua voz.
A sua vez. Talvez, concorda-se, seja mentira
o que se acaba de pensar numa exsudação meditativa.
Ficções fingem que podem existir na realidade
de um real inadjectivável. Há desejos, às vezes,
de se propender para uma fuga em frente,
arrastando porém, cauda cósmica, o que foi um atrás.
Uma álaque acalmia metamorfoseia-se vivaz
numa pacacidade inerente à imanência realista,
sentir que nada se sente quando se sente tudo
como um derrame levemente, surdamente orgásmico.
Tantos anos perdidos em nada, uma vida,
dizem os compêndios disponíveis,
a memória trucidada pelos eventos contemporâneos.
Haver um sol que nada diz. Uma luz
abrindo perspectivas ao olhar desmedido
por incomensurável. Brincar com o sol e a luz.
Brincar. Calmamente reflectindo as saliências
e reentrâncias do que ainda se nomeia de redor.

22/5/2013

INCOMPREENSÃO

Conforme se avança neste enredo mais se avança
no desejo de avançar, dia após dia,
lentamente sentindo o encanto e a maravilha
de ainda haver uma oportunidade
para se abrir o futuro como presente do presente.
Ideias rebuscadas entrelaçam-se
em sentimentos desprevenidos, é uma dança
que inebria mesmo se não alcança
nem poderá nunca alcançar uma transcendência.
Uma dança que vive da sua própria
música, de sonoridades condizentes com a idade
que avança no limite do possível.
O possível infiltra-se quase como necessidade
de existência, de uma existência
outra e fecunda. Quem vive do que vive? Quem?
Só os felizes. A humanidade, hoje,
como talvez desde sempre, implora o advento
de uma esperança, uma esperança
de vida melhor. Quem, do que é mundo social,
a impede de atingir esse equilíbrio?
Ninguém tem a coragem de estudar o mal-estar
advindo do mal, todos temem o medo,
descobrirem neles mesmos a incipiente fonte
do que lhes faz mal. A maldade existe
porque o sofrimento de milhões e milhões ignora
como debelá-la. A inteligência, dizem,
é propriedade de alguns. A inteligência é um dom.
Falso. A inteligência é o outro lado
da coragem. Coragem para se ser bom ou mau.
A vida é uma luta. E a dor, o sofrimento,
receiam a luta. Esperam que o mundo seja outro,
melhor, mas sem uma participação
activa. Só se avança quando se deseja da dança
a antecipação de um futuro. É difícil,
às vezes, compreender-se tanta incompreensão.

23/5/2013

SE E QUANDO

Avançar, avançar, diz a voz ausente,
inexistente, ouve quem se perde no que acha
de realidade e de amor. Há um amor
perfilando-se como sombra ou fantasma
na trama obsoleta do mundo, como trazê-lo
ao cimo, à tona, à superfície?
Redunda em quê o desejo infrene
de redundância? Gertrude Stein diria,
na insistência. Insistir numa determinada
palavra, numa tuitiva intuição,
até que dos confins da possibilidade
surja a confirmação de um real inexistente
procurando furar o milenar casulo
para finalmente começar a ser realidade.
A violência só faz sentido no sentido
premonitório de uma plenitude humana.
Tudo o mais são histórias divulgadas
pelo poder, pelo poder do poder, pelo poder
dos que desejam morbidamente
fazer parte do poder. O amor aborrece
qualquer forma de poder, vive
de esdrúxulas companhias, mãos dadas
no que se dão de amparo e de compreensão,
sabendo-se incorrupto, incorruptível.
O amor odeia o sonho, o sonho
de um futuro sempre em frente, além
de um aquém que se dissolve em lágrimas
de desespero e de desesperança.
Tão difícil alcançar o empenho da dança,
desenvolvê-la em gestos e atitudes,
em sorrisos capazes de abrir os lábios
da desistência. Daí a palavra de desordem,
insistir, insistir. Avançar pelos meandros
da coragem e do amor, mesmo se
e quando se ignora se haverá começo no fim.

23/5/2013

O CARINHO

Este carinho, este carinho que me inunda uma parte do corpo que me é desconhecida, que fazer da sua inexplicável doação? Atirá-la ao vento? Não seria um crime de lesa-humanidade? Sinto intimamente que algo está errado, algo de muito especial, um indefinido infinitamente abstraído de qualquer possibilidade de língua actual. Quase aflito, mesmo amedrontado, olho para todos os lados, aqui é a casa, aqui é a terra, aqui é o mundo, sussurro. É aqui que vivo, que terei que viver para sempre. Se o sempre não for só uma palavra. Esta coisa, a que chamei carinho, e que não se furta à consciência que tenho dela, esta coisa borbulhando num precipício da emoção, paira como se houvesse mais do que coisas onde uma consciência se pode afundar. Que me está a acontecer? Que me está a acontecer? Ninguém me responde. Nem eu próprio, para dizer a verdade. E no entanto é o silêncio que impera na voz que se faz ouvir. Uma voz impossível impossibilita a materialização do que está a acontecer, que está a acontecer? Tento sentir com uma maior atenção o carinho furtivo que me abraça em severos mimetismos da solidão, mas eu nunca fui um solitário. Começo a confundir o que sinto, o carinho, com um outro sentimento muito desprovido de graça, uma presença presente no que se me apresenta como o meu corpo, a minha carne. O que será? A carne não fala. O corpo nada diz. O quê? Não sei. Começo a duvidar do que sinto, pressinto apenas que pós-sinto qualquer coisa que se me escapou quando algures no tempo perdi um não sei o quê, sabe-se lá porquê, sabe-se lá como! Tomara que seja carinho o carinho que não sei se posso sentir, seria tão bom albergar sentimentos tão íntimos!

23/5/2013

HISTÓRIAS

Se as histórias fossem possíveis!...

Contar, como tantos o fizeram e fazem,
sem qualquer repugnância ou má consciência,
histórias da carochinha. Em contos,
em novelas, em romances.

Mas sempre, de uma maneira ou de outra,
da carochinha.

Pensando contribuir, uns esteticamente,
outros testemunhalmente, outros fantasiosamente,
para o bem das populações.

Era uma vez...

A felicidade que deve ser, poder-se escrever,
começar-se uma narrativa, era uma vez...

Que vez, alguma vez, poderá ser uma era?

Uma época? Um tempo, da história humana
onde se inserem as histórias fingidas

das ficções que pululam nos escaparates
das falidas livrarias?

Tentar, ser como os outros,
os que escrevem histórias disto e daquilo,
afinal o que significa pertencer-se a uma comunidade?

Não será comungar com as ficções colectivas?

Era uma vez... E todo o corpo de um homem
treme e estrebucha de repulsa e de escrúpulos,
que cegueira poderá ser esperança?

Que esperança se priva de uma cegueira?

Mas isso importa?

Importa ser-se feliz.

De qualquer maneira? De qualquer maneira.

Nenhum oráculo, por não os haver,
falou, mas alguém ou algo disse alguma coisa.

Contar, por exemplo, a história da coisa.

Filósofos tentam-no todos os dias.

Em vão. Vão, coitados, tacteando aqui
e ali, com extremos raciocínios de uma lógica
mais ou menos argumentativa.

Aventando hipóteses e conceitos,

exteriorizando teorias que irrompem do nada
como se houvesse uma oportunidade de sentido
no oco ecoante do mundo.

Quem os pode censurar?

Quem pode censurar as mulheres

e os homens que escrevem, ainda hoje,
histórias? Disto ou daquilo?

A vida não é uma história? Uma aventura?

O que acontece entre o nascimento e a morte?

Histórias. A toda a gente. Ler não será viver

por interposta pessoa as histórias

que não foram vividas por quem necessita de ler?

O problema é, e se não há história?

E se não há um fio condutor conduzindo passos

de um aqui a um ali como se fosse assim

que se passam as coisas nas nossas vidas?

Todos procuram um fio.

A língua diz mesmo, foi por um fio.

Quem se aventura na existência corre sempre

certos perigos. Por exemplo, e não é por acaso

este exemplo, ficar-se eternamente

pobre, viver-se eternamente,

tanto quanto dura a controversa eternidade,

rico. Pobres e ricos. Histórias e histórias.

Mas sempre, quer se queira quer não,

e como é chato, da carochinha.

O que contará, já agora, a história da carochinha?

24/5/2013

UM DIA DE PRIMAVERA

Pensava que não, mas também há primaveras
do nosso descontentamento.

Esta que se acaba dentro de algumas semanas
não quis imitar o inverno, mas na sua atipicidade
descontrolou o desejo do mesmo

que nós esperamos do tempo climatérico.

O frio não nos quer deixar em paz.

Um norte esporádico, segundo os especialistas,
infiltra-se insidiosamente nestas paragens
deturpando os efeitos benfazejos
do sol, impotente perante factos irreversíveis.
Ventos gélidos sopram aos ouvidos
dos que vivem, cinzentos enublados fecham o céu
em agravos incompreensíveis.
Mudamos todos, é um facto, mas as estações
terão também que mudar?
Claro que já houve idades do gelo,
mas esta região, segundo os especialistas,
sempre viveu de uma temperatura acessível.
Dizem que tudo isto é culpa dos capitalistas.
Não me admirava nada.
Não se pode esperar grande coisa
de quem se quer apropriar dos bens da terra.
Do bem da humanidade já há muito o fizeram.
Triste, porque esta vida, a nossa vida,
poderia talvez ser diferente, mais aprazível.
Como se já não nos bastasse sermos corpos,
ou, como diria o outro, sermos prisioneiros
da nossa carcaça irresistível,
temos ainda que suportar a inteligência
de políticas que ignoram de todo a cidadania.
Há, é claro, visões diferentes
da ordem ocidental das nações do mundo,
mas a verdade, segundo os especialistas,
é que os pobres estão a ficar mais pobres,
os ricos cada vez mais ricos.
Nenhuma harmonia. Nenhum equilíbrio.
Homens e mulheres vivem de insatisfações,
de excessos, a contradição é a mola
que expõe aos sofrimentos humanidades
perdidas no desconsolo e na apatia.
A armadilha é ancestral: enquanto os pobres
desejarem também ser ricos,
nunca a dicotomia pobres ricos desaparecerá
de uma face que ainda dizem que é da terra.
Os tempos, dito muito lugar-comummente,

não estão para flostrias. É ver o que se passa à volta.
Árvores sacudidas pela ventania fustigante
perdem a forma de árvores nas suas copas
assimétricas, nuvens irrazoáveis atravessam o azul
do céu como se fosse natural haver nuvens
nesta época do ano. A crise é evidente.
Mas que fazer? Há perguntas imbecis.
Há respostas impotentes. Na primavera
do que poderia ser do nosso contentamento
sobressaem apenas os risos dos adolescentes
que povoam os recreios das escolas.
Para a juventude tudo é jovem, nada muda.
Que importa a frialdade do vento,
a inexistência indevida do sol intransponível,
que a primavera não seja a primavera?
Estão entretidos nas suas obsessões primaveris,
se a analogia ainda for possível.
Moral da questão: Só um velho poderia ter escrito
estas linhas incapazes de uma ousadia
que as revertesse em versos.
As ironias também podem ser do destino,
diziam as falácias antigas. Há verdades
que são uns autênticos disparates.
De que serve, pois, meditar-se sobre assuntos
que escapam ao nosso sempre precário saber?
A resposta, se não for evidente,
é, pelo menos, elíptica: De nada.
Pudéssemos nós viver de nada, pudéssemos nós,
pensamos às vezes, nunca termos irrompido
do nada. A vida, possivelmente,
seria mais fácil. Mas seria vida?
Desfeitos em aporias, incansáveis,
procuramos teimosamente uma saída. Vivendo,
somos, todos os dias, poréticos.
Todos os dias respirando um diapasão do corpo,
todos os dias tentando resolver problemas,
até o dia, um dia, não ser mais dia.

29/5/2013

O SISTEMA NACIONAL DE SAÚDE

Idas ao médico de família.

O castelhano o veículo verbal do interlocutor,
o senhor doutor, incapaz de olhar
de frente o paciente, entretido em actividades
computadoras, como se uma história
de um corpo só coubesse numa tela esclarecida.
Verdade, a família é global, o mundo um local
de trabalho, e as gentes migram. Nada de mal.
Mas alguma torre de babel resistiu à sua desmedida?
A incomunicação, como se já não bastasse ser
sobejamente metafísica e gnosiológica,
é, neste caso, nitidamente nítida.
Como se poderá falar das dores do corpo
se as dores não são entendidas?
Como se desejar uma cura para o mal
quando a instância médica não compreende a dor
na sua materialidade linguística?
Quiproquós ininteligíveis, que disse?
As palavras proferidas, oriundas de uma língua
comum e longínqua, assemelhando-se
bastante, são usadas em contextos diferentes.
Roto para o castelhano não é o mesmo que roto
para o português. Os exemplos abundam.
Idiomas específicos de realidades específicas
são diferenças ontológicas, dizem alguns.
Sai-se do escritório ainda nacional
com a sensação de que algures ficou um não-dito.
O país precisa de aprender línguas,
já que precisa de falantes de outras línguas.
Mas como, se aqui a pobreza sempre foi proverbial?
Se ainda é difícil, para os indígenas,
dominar educadamente a sua própria língua?
Se os recursos educativos são escassos?
Não se ter a coragem política de exigir
a quem passa as fronteiras inexistentes
o conhecimento de um idioma capaz de servir
as populações atónitas, é incompreensível.

Idas ao médico de família.
E a impressão, avassaladora, quase angustiada,
de que não se contactou com um membro
da nossa família. De que o corpo de que somos
nados e feitos não teve ressonância
aos ouvidos de quem deveria, em princípio,
e como fim, ouvir. Nada espanta os males.
Nem do corpo sofrido, nem do país inconcluso.
Com famílias assim, melhor, mil vezes,
a solidão. Mesmo se associal.
Ao menos, quando se rodeia uma árvore
com um carinho imarcescível,
tentando perceber os seus incoativos frutos
por entre as folhas verdejantes,
já se sabe que não há comunicação possível
com a natureza. E esse silêncio
não faz mal. Pelo contrário, de tão natural
até apazigua. Há encontros que não precisam
de ser verbalizados, são consuetudinários.
Mas fingir-se em vozes desencontradas
que há um encontro é um logro, uma mentira,
uma frustração quase apocalíptica.
O médico, e coitados dos que precisam
de atravessar fronteiras mentais,
incapaz de prescrever o que a necessidade
exigia, limitou-se a copiar uma prescrição
datada e antiga de um achaque datado e antigo.
As palavras estavam inscritas
no computador, essa incorruptível bíblia.
Um outro médico terá que ser consultado,
que remédio! E dizem, em televisivas entrevistas
de uma imaginação fértil, alguns responsáveis
e especialistas de sistemas confessos,
que o sistema nacional de saúde é notável.
Há corpos que nunca notaram que isso
fosse verdade. Talvez pela pouca sorte.
Não se pode discutir a infalibilidade do mal.

29/5/2013

A VERDADEIRA VERDADE

Se houvesse uma verdade para se poder ser verdadeiro.
Sou, e no entanto não sei se há uma verdade de ser.
De ser verdadeiro quando falo do que falo,
de nada, de tudo.

Há certas coisas que quase deixam de ser coisas
para advirem verdades, verdades que não existem.
Há coisas que não são coisas.

E no entanto. Com tanto entanto desfiguro
qualquer possibilidade de figura,
um rosto a quem pertence, uma face o que diz?
Se soubesse ao menos que não sabia nada
seria já um avanço. Um avanço?!

A língua deblatera sem resquícios de solicitações,
diz o que lhe apetece, indiferente a quem pensa
que tem ou possui uma consciência.

Avança, avança, sem receio de ser incumprida
ou delimitada em opacidades comunicativas,
abstraindo-se de tudo.

Há mundos, dizem, e eu pergunto:

A que mundo pertenço eu? Sou de que mundo?
Ou serei mundos eclipsando-se em denodos
de dispares disparates disparados à realidade do que é?
Aliteraões são como minúsculas alterações
do ritmo do coração, de uma música.

A música é de Tristan Murail, ouço-a quase movido
por uma comoção apelativa, estarei a sentir?

A ser? Que biografia? Que destino? Que aventura?
Desmedida no sentido mais impuro do termo
temo que o termo seja da minha vida desmedida,
incomensurável no preciso alcance de uma ignorância.

Quando não há verdade poder-se-á dizer
que há vida? A minha, a tua, a nossa vida?

Não compreendo as perguntas que nem sequer
são sibilinas. Acompanho a música, música de mim
ignoro se de mim mesmo se de mim próprio,
haverá uma propriedade própria da língua humana
onde me perco pelos caminhos duvidosos

do que se pensou outrora que era a criação?
Não haver, agora, aqui,
um ser humano para me sentir ou consentir
verdadeiramente humano. Tudo é tudo,
como se tudo fosse um «em volta» que se catapulta
para meandros da música que ouço na tentativa talvez
falhada de atingir o alcance, o que quer que seja.
Desconhece-te a ti próprio, foi sempre a injunção.
Daí não reconhecer esta música que me faz ouvir dizeres
que se interpenetram em arroubos de formas,
silêncios de vozes repercutindo-se no vazio alegre
de uma experiência extrovertida,
extravagante, estriada de arrepios carnis
como nunca se sentiu num orgasmo do corpo animal.
Vir de mim a mim não é uma obscenidade
nem uma indecência indecorosa ou socialmente
perversa, viajar pelos prefixos mais duvidosos da língua,
escorregar em sufixos tão antigos e primevos
em que nem conceitos como o de história poderão
fazer algum sentido, é um modo extemporâneo talvez
de ser contemporâneo com o que está a acontecer.
Agora. Aqui. O que está a acontecer? Nada.
Murail sussurra-me: Désintégrations, désintégrations.
Duvido. Nenhum mundo, mesmo o que não existe,
se desmorona em cataclismos catastróficos,
tudo nos seus lugares e no seu tempo.
Verdade, a música flui, instrumentos emocionais
galvanizando intelectualidades incestuosas,
o que em mim não pensa não está a sentir, sinto quase
como uma verdade a verdade impossível de sentir.
Dessinto, mas o quê? Repeti mil vezes
este verbo desconhecido das populações activas,
das elites sorumbáticas, o que pretendia dizer?
Nada? Não pode ser. Pode ser, talvez possa ser,
mas como uma outra coisa.
Um desconhecido.
Desconhece-te a ti próprio,
um paradigma para uma realidade aflita,
incomunicável, apenas perceptível a olho nu.

Acabar com tudo isto. Já, agora. Mas como?
Onde o poder? O poder não pode mais ser que o resto,
a réstia de um contributo amaldiçoado
pela miséria da história humana.
Onde um caminho que me possa levar a um onde?
Não haverá caminho? Mas todos os dias se abrem
caminhos na realidade de se ser, alas transfiguradas
em obstáculos removidos dos escombros
de civilizações asfixiantes, deveres seres que nunca ousaram
ser mais do que uma conspícua abreviatura da ontologia.
A solidão só é um facto porque é um feito.
Constroem-se mitos nas fímbrias das músicas,
onde se quer chegar com a insinuação dissidente?
Tudo é realidade enquanto é realidade.
As tautologias são dias de vida indefinidos,
mas quem se importa com o que se passa na passagem
do tempo? Todos, uns mais do que outros,
e com razão, pensam nas suas casas, nos seus haveres,
nas suas comodidades: esporádicas filosofias
de uma humanidade comovente.
Quem voará na elipse da pedra contundente
para atingir criminosamente o falhanço
da verdade que tumultuou ao longo de séculos?
Quem? Quem assumirá uma loucura desprevenida?
Quem? Onde estão as crianças que serão
homens e mulheres em futuros mais ou menos prováveis?
Não há respostas. E no entanto a música
perfila-se adiante como se viesse de um atrás,
passando com carícias de carinhos transcendentais,
eis a pura verdade. A verdade. Quando se é verdadeiro
transporta-se aos ombros metafóricos a verdade
de que se nasce e morre, e tudo o mais
nada mais é do que efabulações de pensamentos
julgando definir o indizível que rodeia as estadias
dos que resistem. Não se pergunte a quê.
O quê não é conservador nem libertador, progride
num caminho que se abre quando se abre caminho.

29/5/2013

PLURIVERSO

Nós, os incompreensíveis, escreveu Nietzsche,
juntando-se incorruptivelmente a Heráclito.

Estranhos homens os que se pensam homens
de uma outra esfera da existência.

Da existência de hoje, e de quem agora
escreve, pouco se sabe por tanto ser,
ao longo dos anos, escrito.

Quantas mais palavras, menos saber.

Há, dizem, dizeres lapidares, consonâncias
com aparências de essências, isto é, de nada,
que juncam as humanidades pelos chãos
da ilusão e de ficções mitológicas.

Os heróis não nasceram do nada.

Mas da necessidade dos humanos.

Nós, os compreensíveis, ninguém o escreveu,
somos completamente incompreendidos.

Há destinos que ignoram a salvação da sorte.

Há sortes que caducam numa certa ignomínia,
transformando-se em azares e maldições.

Há quem compreenda o que é e passa
como se fosse possível compreender-se
alguma coisa. Há asserções que não precisam
de palcos para se fazerem ouvir
nos mais recônditos cantos do universo.

Mas quando se vive no pluriverso,
que canto ousaria tentar um discurso
ou uma simples canção? Versos dispersos
ao longo dos séculos tentaram a história
das várias histórias, dizem que há espeques
e escoras capazes de alçarem as civilizações,
perfeições nunca antes imaginadas.

Nós, os inapreensíveis, não conhecemos
o fulgor de um abraço ou de um beijo,
invisíveis não conseguimos existir na alegria
das populações que passam anónimas.

3/6/2013

LADO A LADO

Como não sorrir diante do sortilégio do calor?
O corpo ignora a sua própria carne,
só a pele, num apelo imprevisível, deseja
que cada poro possa sentir a entidade do sol.
No céu de um azul casuístico uma lua
quase imperceptível jaz indefinida na ilusão
de que pode ser detectada, mas cada dia que passa
mingua na pacacidade dos acertos universais.
A alegria sincera, ver a imponderabilidade
das coisas que existem, sentir um bem-estar
por tudo estar, aparentemente,
no êxtase de uma estase. Nada bolee,
nada mexe, nem uma brisa quebra o silêncio
do momento vespéral e premonitoriamente
estival. Guerras, conflitos, catástrofes?
Onde? Em que eclosão do mundo,
em que explosão extemporânea da notícia?
Tudo bem debaixo da violência do sol,
para quê nos iludirmos com mais violências?
A humanidade não é humana? Inteligente?
Sensata? Que se pode fazer? O sol
apaga qualquer tumulto das acções
perpetradas pelas populações desavindas,
o sol detesta, pensa-se, qualquer consciência.
Gozar o calor. Diluir a injustiça que grassa.
O feitio impetuoso dos sibilos egressos
da humanidade tantas vezes pacificada na voz
de um além que se manifesta de vez em quando.
Como deixar de sorrir na envolvência do calor?
Uma temperatura que se faz sensual
não merecerá ser deixada de lado.
Lado a lado, o corpo transpirado, a sombra
benfazeja, só se deseja que a eternidade
não seja apenas uma disponibilidade do real,
deseja-se também que a realidade seja vivida.

3/6/2013

SER E NÃO SER

A televisão debita os acontecimentos mais coincidentes com a ideia que se faz do espectáculo, ei-lo, o mundo de hoje num aqui que até parece ser um país, ei-las, as notícias que nada mais dizem que o que se diz à boca grande. A vida é complicada, soçobra no adjectivo das jovens gerações. Há aspirações que não podem ser iludidas, desejar ainda é um verbo, se não for mais parte de uma língua. Sofrem os que sofrem, e o espectáculo não demove os agentes que fomentam as derivas da realidade. De quem é a culpa? Gritos civilizados substituem armas reivindicativas, ei-lo, o progresso das sociedades ocidentais e mais ou menos vigentes. Desfrutam os que desfrutam, é vê-los, seus risos atordoam de alegria o fasto de haver ainda a possibilidade de algum gozo. Que dizer? Nada a dizer. Uma opinião proferida não seria mais do que a voz de uma ideologia. Visões do mundo, ó gentes, visões do mundo. Sublime e subtil a estupefacção do descalabro visto dá lugar à eclosão da indiferença, o mundo não pode ser lido para ser comumente vivido pela sobrevivência. A vida não é fácil, pensa o espectador envelhecido pelos traumatismos fatais que toldaram certas vidas e esperanças. Poder-se-á dizer, mas sinceramente, que se é deste mundo? Há-os que são, há-os que gostariam de nunca ter sido. Mas ser e não ser não é um desvario?

3/6/2013

RÉPLICAS

Sonhos de sonos, réplicas de sonolência,
estar-se aqui e não se estar num outro lugar,
ser-se quem se é e não se ser quem não se é,
truísmos diferenciando-se de lugares-comuns,
músicas disto e daquilo, danças e folguedos
onde tudo começa e nada acaba, sonhos.
A consciência mais ou menos desperta,
onde há realidade? O corpo sumptuoso
na inveterada sensualidade da linguagem,
um deleite feito carícia, uma concretização
da abstracção imanente, da sonolência.
Destituído o mundo. Fulgências da terra,
esquecimento na delida desumanidade
da memória virtualmente disposta a aceitar
a escória de tempos volvidos, passados.
Quem se é aquém do sono e além da vigília
que procura sobreviver ao calor da tarde?
Um vazio? Uma vacância? Um remoinho?
A emoção breve de uma brevidade vital,
onde se comemora a vida, o ensejo, o grau
infinito de uma finitude capaz de fala?
Que tempo se revê no momento presente?
Que lugar aceita um ponto do globo ideal?
Que corpo comporta a necessidade de ser?
Perguntas são vicissitudes de um auge
e de uma azáfama, o sono sonogado fio
levando o pensamento deturbado ao fim
de uma viagem que se nega um termo.
Músicas imperecíveis acariciando a ideia
de que qualquer coisa está a acontecer,
se fosse possível recuperar-se uma alma
neste enredo de formas desenganadas!
Nada de tudo. Tudo de nada. Sonolência
reverberando em plurais indícios de real,
a casa, o quarto, a varanda, a portada
aberta ao que der e vier, sonhos fugazes,
deiscência de indecências propíncuas

ao súbito amor que se alastra no espaço de uma luz, de uma exequível vivacidade. Que juventude se alardeia uma absorção do acme, uma descida ao imo, uma rede de vagos discursos visualmente perdidos em dimensões impossíveis de ser vividas? Vidas de um mundo diferente alcançam ausências de representações alegóricas, onde há um caminho que não leve a nada? Passos disfarçando-se em ressonâncias de consciências intrusas, a alegria súbita, levantar-se num deslize do ar, indo, indo até à salubridade do sol, e depois arder numa explosão cósmica e cómica, a dor da razão extorquindo aos sentimentos o disparate de se ter concebido o amor como um dado adquirido. Sonolências acusmáticas desacostumadas, sonhos celulares de acontecimentos perecíveis, ardores da carne na carne desvanecida, que sentir se insinua na metamorfose de uma palingenesia inopinadamente redundante? Onde a vida? Como se ser uma morte saldando-se num impasse? Flutua a cama como tapete do mistério, amálgama de frases ouvidas no furor de uma inspiração outrora talvez divina, mas hoje desactualizada. A civilização perde-se de visão em visão, de conceito em conceito, de filosofia em filosofia, de prazer em prazer, tentando olvidar as guerras e as batalhas, as carnificinas que pontuam a aventura humana: ser em pleno sonho do sono a passagem para o outro lado, para o outro mesmo desacreditando o avanço do progresso. Sonolências replicando-se em réplicas.

3/6/2013

URGÊNCIA

Urgência, o nome do que é, urgência.
Transformar esta hora numa dissimulação,
num simulacro de tempo, ousando intuir
um desejo de vida, um prazer acessível,
apesar de tudo. Do tudo que nos enforma
nenhum pesar, antes o contentamento,
estar numa disposição para o bem-estar,
ser uma sombra de nada, ouvir o coração
talvez a pensar. Imaginar que se está
algures entre uma aurora e um crepúsculo,
e que a aurora não é mais um dilúculo,
nem o crepúsculo se resume a um arrebol.
Urge trazer ao que traga uma existência
um assomo de alacridade, assumindo
desde logo que o passo pode ser em falso.
Importa? Fazer como os demais, fantasiar
uma realidade de palavras sucessivas
sucedendo-se no tempo como efusões
de afectos naturais. Ama! Ama! Quem?
Quem se desprende de uma identidade
idêntica a uma opção de vida, consultada
a convicção de que almejar uma alma
ainda é possível. Cânticos indecifráveis
fragmentam a emoção, que agora é aqui?
Um corpo coevo da idade contemporânea
idealiza um corpo eterno, por e para quê?
Ideias que irrompem no tempo conjuntivo,
hipóteses de ser, sedições de conceitos
arvorando uma mentalidade que se esvai
no redemoinho da actividade humana.
Redes impedem a imaginação de abrir,
ao ritmo de uma música inaudita, a voz
de um sufrágio e de um breve sortilégio,
que naufrágio prospera na esperança
de um melhor mundo? Ama! Ama! Ama!
Não importa o quê ou quem ou como.
Que mais se poderá fazer? Odiar a vida

ou os outros já não é um lugar-comum.
O mundo nunca aceitará o ódio ocioso
de quem gosta de fazer o mal. O mal
é um mistério sem sibila nem enigma.
Esconde-se no disfarce de todos os dias
como se todos os dias se resumissem
a um dia. E goza no gozo de um sublime.
Imaginem pois uma outra terra povoada
de gente transmissível. Imaginem a vida
sem terem que vivê-la no sofrimento,
cada dor uma cor da paleta assassina.
Imaginem que o corpo já não é a carne
que vos assalta num desvelo desmedido,
agulhões de nada nulificando o fim.
Imaginem um fim no derrame do prazer,
morrer num seráfico desprendimento.
Ignorem a lucidez. A experiência do real.
Desflorem a ideia de uma possibilidade,
mesmo se remota. Aprendam a língua
nos seus mimetismos históricos, a arte
da catacrese em retóricas compulsivas,
sejam o que de arbitrário arbitra a paixão,
o desejo, o impulso, a intuição emotiva.
Urge descobrir as margens da imagem
de um rio, passar a vau as superfícies
de umas águas ancestrais, ir tão longe
no domínio da humildade humilhada
que a mediocridade será um refrigério.
Não é um desmazelo contemporâneo
fingir que há voo nas asas dos pássaros,
que uma mão de mulher poderá levar
o esquecimento ao fulgor da memória,
que cada bater do coração é uma acção
no sentido do futuro ou da humanidade.
É o que é, a urgência de um novo nome
caucionando a vinda de um outro mundo.
Desistir é pior do que se viver na morte.

3/6/2013

CULPA E DESCULPA

De tão cedo, a manhã apaziguada
propaga-se pela luz levemente camuflada,
nevoeiros perpassam em silenciosas viscosidades
de uma plenitude que poderia ser humana.
Parece não haver país nem região
na terra onde se pisa um chão,
árvores variegadas permanecem hieráticas
num simbolismo quase incompreensível.
Nada como uma portada para se perceber
que não há acontecimentos reportáveis.
Miúdos são levados às escolas em mãos maternas,
os mais afortunados saem de automóveis.
Gente passa apressada pela rua que levará à estação.
É tudo o que se observa, é tudo o que se sabe.
Tudo o mais são magmas de consciência
deduzidos de memórias de experiências vividas
ao longo dos anos, no interior do tempo.
Que notícias, más ou boas, incendiarão as redes
dos noticiários no fim do dia?
Não há começo nem fim para quem
sente a terra como um globo que gira.
A ocidente ainda é noite, a oriente já é dia.
Lusco-fuscas de madrugadas e de entardeceres
farão talvez pensar os que os vivem,
não há mistério na mitologia dos astros.
O planeta, como o globo, gira.
Conceitos esbarram em conceitos,
sociedades humanas procuram humanizar
a natureza do que existe como se nada fosse.
Na terra sobrevive um mundo, azáfamas estritas,
acções fora de quaisquer modalidades
da praxis e da mudança. E no entanto,
sem se saber porquê, a vida de quase todos
os homens, de quase todas as mulheres,
resume-se ao mecanismo da culpa e desculpa.

4/6/2013

A HISTÓRIA

Sente-se que as palavras desejam repetir
acontecimentos passados na indecisão
de hesitações éticas, uma memória é feito feliz
de quem pode assumir a repetição.
Não porque haja coincidências, tudo
se desenrola na imperfeição de tudo, mudança
é um sinal que se convence da sua verdade.
Muda o mundo com a mudança?
Aparência de realidade são realidades
da aparência, surgem todos os dias díspares
manifestações da tecnologia.
Deixam os pobres de ser pobres?
Homens e mulheres cansados de um dia
de trabalho adormecem nos comboios
suburbanos, cabeças repetindo movimentos
de um sim ou de um não involuntário.
Quem os espera? Que família? Que lar?
Na solidão do breve sono que sonhos
ousarão sonhar? Que futuro os espera algures
na inclemência do corpo envelhecendo
dia após dia? Uma senhora, desperta, sorri
num tique quase comovente,
diz palavras indecifráveis, conversa
com fantasmas de relações quotidianas.
Percebe-se de vez em quando, lida nos lábios,
a palavra: Desculpa! Um choro íntimo
não aflora aos olhos de quem observa a cena,
um amor indesculpável apodera-se
de quem sente que não deve sentir a dor
dos outros. Seria um desperdício.
Raras vezes a mudança vive de paz.
Só a violência convence por algum tempo
um estado de coisas. A história junta-se
de cadáveres daqueles que sonharam o amor.
A história repete-se em simulacros de mudança.

4/6/2013

A SENSACÃO

A sensação de que o corpo está farto de ser corpo,
da monotonia inferida pelos seus órgãos,
da azáfama nas intestinas manifestações de um dentro
delimitado pela pele facetada em milhões de poros.
Exsudamos líquidos pegajosos, excretamos matérias
duvidosas, onde a alegria do movimento,
da explosiva dança que faria da carne convulsa
voos nos inimagináveis delírios da leveza?
O corpo esvai-se numa rigidez esclerosada,
evolui como se não houvesse mais evolução
no seu envelhecimento periclitante,
passa de passo em passo como uma gravidade
que nunca compreendeu a sua origem.
Haverá uma consciência que o considere viável?
Uma efusão de impulsos capazes de harmonia?
Sim, o corpo está farto de ser corpo.
E no entanto suportámo-lo dia após dia.
Animais humanos não compreendemos bem
a animalidade implícita, as exigências
de uma condição que nos parece desumana:
envelhecemos num apogeu de agonias.
Seremos no que não é mais a vivacidade.
Imponderáveis frequentamos mais
do que os outros as farmácias epulóticas,
buscamos remédios para o que não tem remédio.
O mundo, na sua novidade permanente,
parece ter envelhecido. Interessa testemunhar
os avanços tecnológicos quando recuamos
para os escaninhos da memória?
Que hoje poderá ser vivido como outrora?
O corpo aproxima-se da terra independentemente
das volições resistentes. A terra aterra.
Ela que nos encheu de insuspeitas alegrias
exige-nos como eterna companhia.
Não haver um corpo sempre jovem e devoluto!

5/6/2013

UM NADA

Como há muito já não acontecia,
um nada, que não se confunde com o vazio
ou com a ausência ou mesmo com o nada,
apaga o real que deveria existir ao lado
e à volta, impedindo quem sente
de se sentir qualquer coisa no meio das coisas,
talvez um homem, pelo menos um ser humano.
Nem sequer se trata da profusa confusão.
Não há atordoamento nem perplexidade,
ver torna o real invisível, ouvir torna o som
inaudível, como se a existência
se tivesse transformado na transformação.
De quê? Não há enigmas nem mistérios,
há uma cegueira, mais, há, se haver
for ainda comunicável, um embotamento
enclausurado em nulidades apocalípticas.
Onde as revelações de um corpo
predisposto a comprovar, pela ilusão
do que mente, uma alma, um espírito?
O mundo nem sequer é uma palavra.
Que tempo é este que não possui um lugar,
um espaço para poder evoluir
no incansável ramerrão da passagem?
Nada se esboroa porque o nada é nada.
Que ficou do que foi? Alguma memória?
Dizer contradiz-se e desdiz-se,
isto não é uma língua, uma fábula.
Haverá uma saída? Um nascimento
mais ou menos periclitante, um vagido
soltando-se? Surge, quase inexplicável,
em facto de dor, uma turva tristeza.
Um sentimento fazendo-se sensibilidade.
Conseguirá, pela sua eclosão explosiva,
remeter para o nada o nada? Trazer
consigo a possibilidade de um depois?

7/6/2/13

UM CHORO

Um choro talvez anacômptico transluz na luz
cerzida do acaso, de onde vem esse choro?
Em que limites do sentimento evolui?
Para onde se dirige, se vive sem vestígios
nem lágrimas? Um choro talvez ancestral
atravessa o dispêndio da ignorância humana,
que traz dentro de si? A promessa de um outro
espírito, de uma outra alma? Ninguém
conseguirá atribuir a esse choro uma fala,
uma língua, a possibilidade de uma tradução,
mesmo se precária, provisória, imanente.
Longínquo, como se ignorasse a contígua
presença do mundo, o choro espalha-se
sem realidade na incomensurável mudez
da época, dissolve as dissolutas meditações
em que as comunidades da terra vivem,
introduz-se nas vicissitudes paradigmáticas
das experiências pensadas contemporâneas.
Um choro talvez inventado destrói o facto
evidente de haver ser no acontecimento
onde ocorre, mas que ser é este na nudez
da sua indisponibilidade? Que horror traz
em si para que não se faça companhia
de quem necessita de um carinho quente,
de um amor? Não servindo, aparentemente,
para nada, por que é? Não se inserindo,
incompreensivelmente, no que passa por ser?
Um choro contínuo desdobra-se em réplicas
de réplicas, como se quisesse ser história.
Mas história de quê? De quem? Inabitável,
habita na luz, mas que luz pode ser casa?
Na confusa aparição em que voga dilui-se
e desmente-se numa alienação que deflagra
em alucinações intempestivas da verdade.
Não há choro que não possa ser chorado!

7/6/2013

MÚSICAS

Músicas há que não nos deixam ser,
que, expostas aos ouvidos, nos obrigam a seguir
cada som como uma inevitabilidade acerba,
não nos permitindo sequer uma desatenção libertadora.
Acorrentados a pretextos de visões acusmáticas
sentimos que o prazer que deveria existir na audição
se transforma numa servidão esdrúxula,
como se a perdição se encontrasse no que poderia ser
a salvação do momento, do desejo de outra coisa.
Ganhos de real são algumas vezes perdas
de oportunidades, não termos tempo para sentir
a beleza pelo tanto que ela exige de nós.
Músicas amadas, músicas mais do que músicas
na impossibilidade de uma definição do que acontece
quando se deixa cair no íntimo que nos abrasa
carícias de um duvidoso esplendor sonoro.
A música não é uma linguagem. Por nada dizer
é que nos mantém no acme de uma perpétua espera,
que fazer da estranheza para que não advenha
uma inesperada alienação? Ulisses
são todos os que têm a coragem de ouvir
o que não se compreende, vozes de instrumentos
tentando instrumentalizar a origem de uma verdade
que nunca existiu nem nunca poderá existir.
Navegar pelos sons em cada bater do remo
antiquíssimo, a respiração ofegante, o sofrimento
do corpo vergado sob injunções que desdenham do ser
como da palavra, da língua como da comunicação.
Resta-nos, mortais que somos na riqueza
de uma futura morte, inventar um silêncio ruidoso
capaz de deturpar as sensibilidades como as realidades.
A bondade veiculada pelo prazer da música
nada mais é do que uma máscara. Aceitá-la
é uma fraqueza. Arrancá-la é renunciar ao deleite
de um tempo perdido no mimetismo de qualquer sorte.

8/6/2013

AS PALAVRAS

As amadas, as que sempre amei, as palavras
parecem desaparecer esvaídas em grãos de areia,
incapazes de reciprocarem o amor
que sempre lhes tive, as mais que amadas.
Não sei onde estarei amanhã ou quem serei,
mas sem as palavras que tanto amei como viver
no mínimo convívio que seja com o mundo
e comigo mesmo? Que se passa com essa parte
de mim que parecia tão sólida e fidedigna?
Que acontecimento inaugura a impossibilidade
de uma época? Perdido no sem sentido
do que acontece procuro trazer até mim
as que me fogem e deixam abandonado,
as palavras de uma companhia que parecia
ser eterna. Efêmero como um tempo implícito
busco no limite de uma fundura humana
o rasto das que se foram, dessas palavras
onde outrora procurei encontrar a dimensão
verdadeira de uma estadia terrestre.
Se não existirem, as palavras, como existirei?
Como poderei sobreviver aos dias periféricos?
Às especulações sáfaras do próprio corpo?
Aos mecanismos obsoletos do espanto?
Eu que as busquei no mais recôndito sigilo
de livros caducos, perdidas em anonimatos
do indizível, sinto que, cansadas da inutilidade
de tanta luta no tumulto da luz dos dias,
preferem regressar ao túmulo onde jaziam,
as palavras com que pretendi edificar um mundo
diverso do mundo onde vivia sem como
nem porquê. Será que as mais que amadas,
as palavras, descobriram que o meu amor
era interesseiro? Que apenas me servia delas
porque elas me serviam de refúgio e de ilusão,
um escudo capaz de conter a crueldade?

13/6/2013

QUALQUER COISA

Indiferente ao silêncio impregnado de nada
olha pela janela sideral o que se faz olhar.
Nada vê. O mundo deixou de ser uma constatação.
A vida perdeu a sua sintaxe. A língua efêmera
dos sentimentos não coincide com a sensibilidade.
Muito menos com qualquer pensamento.
Qualquer coisa passa por ser coisa, que coisa é?
Impregnado de nada nem sente o tempo ser tempo.
Há, mas o quê? Que frente lhe é ausência?
Que fora não se deixa existir como realidade?
Entre ele e o mundo a distância é incomensurável.
Não é sequer uma distância. Sons celulares
dão conta de um corpo, será esse corpo desavindo?
Estará no limite da percepção? Quem, do mundo
que é, o poderá ver? E que verá? Um ser humano?
Indiferente ao sigilo das emoções lacunares
olha o que pode ver, e nada é tudo o que pode.
Nem sequer um poço de lucubrações profundas.
Não há fundo onde não há mundo. Há um vazio
tão impreterível que é preferível não dizer mais nada.
Quem compreenderia a incompreensão? Quem
ousaria perder o seu domínio para aceder ao talvez
logro de uma verdade? Não há nenhuma verdade.
Quem é não soa a nada. Sons, sons siderais
querem tornar-se universo, para quê? A terra
já é um lugar. O planeta gira. A língua comunica.
Vê tudo como se não fosse um tudo para poder
ver em que nada será possível viver-se uma estadia.
A mentira não é só poética. A encenação perfaz
a incompletude de uma violência, como satisfazer
a avidez da inteligência? Só o caos governa.
Não é um oráculo o que sibila. A realidade é real.
O real nunca aceitará a realidade. Impregnado
de silêncio estende a voz humana tão longe
quanto possível. Mas o humano é uma ficção.

13/6/2013

DEMORA

Demora a tarde como se não pertencesse ao dia,
como se fosse tarde demais para deixar de ser,
e sendo não possa deixar de ser tarde.

Na perplexidade da luz paira um sol solitário,
ninguém o vê, todos o tomam como certo.

Tonalidades indecifráveis transformam a luz
nisto e naquilo, variações quase musicais,
como se houvesse na atmosfera a possibilidade
de se sentir carícias, materialidades desejáveis.

Há toda uma sensualidade imprevisível
no que é da tarde que passa por não ser tarde,
da tarde que não quer passar por realidade.

Aceita-se a paragem na alegria de um temor
amordaçado pelo breve esquecimento.

Não se morre todos os dias. Só o futuro morre.

Por não existir. Existir existem as memórias
do que foi e do que não foi, a quem interessa
deslindar a exactidão do passado? É passado.

Passa a tarde nesta demora, uma aberração
atingindo a cumplicidade da monstruosidade.

Não se pode parar o tempo. Nenhum sol
se deixa solidificar no azul dos céus azulados.

Mas o que é não é, parece. Parece que a tarde
ficou fora do tempo, não pertence mais
ao tempo, de tanto se deixar ser até tão tarde.

Ninguém acredita que a noite advirá sorrateira
como uma imponderabilidade irremediável.

Todos sabem, contudo, que a noite virá.

Entre saber e acreditar há um mundo intruso,
feito e desfeito em línguas e perspectivas.

Por mais que demore, a passagem far-se-á.

Resta a quem resta na tarde gozar a demora,
como quando alguém se enamora de alguém
acreditando não saber que o amor é coisa
que só dura enquanto puder e tiver que durar.

13/6/2013

MAS COMO?

Com uma prudência quase ancestral e incestuosa
aproximo-me da língua isenta na esperança
de que algumas palavras saltem para o palco
onde não me encontro nem me descubro.
Ventos de um passado sussurram aos meus ouvidos
expressos mecanismos de hesitantes sentidos:
«Metuendo ademane icónico e fescenino,
metuendo ademane icónico e fescenino!»
Não consigo apalpar a realidade silenciosa
do acontecimento, não consigo inventar
uma percepção que possa ser aduzida da vida
de todos os dias. Tento apagar com palavras
mais recentes essas vozes intempestivas uivando
passagens de um tempo inulto, que valor
posso dar às memórias que nunca desejaram ser
histórias disto ou daquilo? Se houvesse agora
alguma música que me pudesse ajudar
neste imbróglío, mas só o silêncio solitário
palpita como um coração que não sabe o que faz,
que fazer ou dizer para que me sinta vivo?
Gritar não serve de nada. De tanto afastar o mundo
para evitar a sua crueldade humanamente eleita,
afasta-se agora o mundo de mim. Palavras
foram proferidas ao longo de décadas, palavras
inscrites em matérias de uma sensibilidade
que nunca possivelmente compreendeu a vida.
A experiência do quotidiano não é contemporânea
da experiência em que o sentimento se sente.
Não há distância, mas há, aparentemente,
um hiato, um intervalo, uma fissura, um interstício.
Respiro como quem não sabe fazer outra coisa.
Os olhos dispersos disperso-me sobre o redor,
eis as coisas, cada lugar no seu lugar,
cada objecto simulando uma presença
que faz de mim uma outra coisa. Ser humano
deveria ser uma aventura, o que é uma aventura?
Ciciando vozes a consciência do que é

perde-se na inclemência do que gostaria de ser,
faz sentido o que irrompe no momento
como um apogeu da liberdade? Livre na idade
que se testemunha a língua ignora como descrever
o que parece desejar existir, uma mudança
de mundo? Homens e mulheres vêm para as ruas
como se o século fosse outro, protestam,
mas contra quem? Que quem os acorrenta
a misérias históricas? Onde está o inimigo?
Imagens televisivas não respondem a perguntas.
Opinam, absurdas, tentando colocar a desordem
na esfera do caos, o caos é uma economia?
As finanças que financiam? Dizem,
as opiniões avisadas, nada. Mas tudo indica
que algo se passa, mesmo se sem passagem.
Sociedades inteiras fazem de cada ódio
uma pessoa ou um indivíduo, ah, não haver
a coragem para se ir muito mais longe, tão longe
que nem o horizonte saberia sobreviver
aos arremessos dos desejos desafogados.
Pedras de calçadas pensadas até há pouco
civilizadas voam contra as forças da ordem,
que ordem governa o mundo na sua inexistência?
Juntam-se em cimeiras semeadas de poder
os senhores da terra, o futuro continuará a ser
um remoto passado? Uma mitologia breve
decalcando passos já dados? O globo hesita,
continuará a ser um planeta perdido na imensidão
de um universo tecnologicamente datado?
Com uma prudência quase animal a língua
pensa que contém os acontecimentos actuais,
mas não será necessária uma outra língua,
com outras palavras, com outros intérpretes,
para dar conta do que sucede a cada canto
de uma prosaica esquina? Sumidos os arautos,
ultrapassados os historiadores, quem, do presente,
ousará dizer o que quer que seja? Eu? Mas como?

19/6/2013

WASTED & WANTED

A música de Michael Wollny, no paradigma Wasted & Wanted, subverte o silêncio que não se fazia ouvir. O prazer, deixar o corpo imbuir-se de sons, linhas de força que catalogam as mentalidades feridas do presente. Nada como um ritmo, a oportunidade sensual de se transcrever na carne a alegria capaz de contrabalançar o sofrimento. Nada como o movimento evoluindo entre balanços de danças coevas, mesmo se efémeras. Pianos sulcam caminhos desbravados à força da coragem, não vale a pena desejar-se ir mais longe, vale a pena inventar-se no que nos encerra um longe que possa fazer-se ouvir. Chamando-nos chamamo-nos. Só mais um passo, sempre em frente, instruindo o tempo da sua acutilância e necessidade. Nem sempre as palavras são exactos sentidos para o que procura ser sentido, nada como tentá-las, dia após dia, enquanto houver dias capazes de ser vividos. A música não é uma apetência de uma novidade existencial. Aparece onde mais parece que é exequível a chama de qualquer coisa como um futuro. As utopias são lugares tão realizáveis como as realidades de consensos falsos procurando evitar que o tempo se perca em especulações filosóficas. A música que agora expõe as suas razões sensíveis concretiza-se em modulações do agora, concretizemos acções tão humanas que a própria humanidade não saberá reconhecer o que lhe está acontecendo.

19/6/2013

TERNURA

Uma ternura inulta evade-se desta hora,
aflora os lábios de quem se consente,
demora na desmedida da realidade.
Dura enquanto dura esta incipiente luz
de uma inamissível ternura, que vida
se precipita para o abismo da alegria?
Um sorriso absorve tudo o que em volta
gira com a suavidade do inexistente,
será preciso determinar as suas causas?
A memória apresenta-se quase excesso
de um acesso ao enigma, que forma
se reproduz na luz do que se derrama?
Orgias de sentidos abrem o que resta
do mundo à contemplação da história,
haverá alguém capaz de a inaugurar?
As coisas deixam nitidamente de ser
coisas, aproximam-se da consciência
como se houvesse um poder terrestre.
Nem passado nem futuro se demovem
de ser presente, tudo deseja de tudo
que a imaginação possa de novo ser.
Onde um corpo no esplendor do fluxo
que transgride as leis da abstracção,
que física se comporta como um acto?
Ternura, a lição do dia, um abandono
a espaços incógnitos e nunca achados,
tempos urdidos de deiscências raras.
Tudo é corpo e fora, tudo se entrelaça
numa dança de figuras e de sombras,
o que passa por ser não é o que passa?
Diziam outrora, amor. Nada de nada
é o que dizem agora. No vazio do real
irrompe esta ternura, guardá-la bem
guardada no olhar em que se revigora,
na demora de uma hora que avança.

19/6/2013

SONO

Um sono lacunar apossa-se do corpo intuitivo
sem uma razão precisa ou plausível,
que noite persiste em dormir em pleno dia?
Olhos cansados da tanta visão que se evade doem
fechando-se em pálpebras oclusas,
que desfecho para o que não se defende do mal?
Sono desvelando-se em expressos bocejos
da hora matinal, importa que haja algures um mundo?
Talvez a cama seja o local de um crime.
Talvez se pressinta que nada acontecerá de relevo
na relevância da história que moldará o dia.
Experiência perigosa, deixar o corpo no abandono
de uma despedida que não está consciente
dos percalços que poderão advir do devir.
Os olhos fechados despertam alucinações e delírios,
quem se imiscui no que se insere de acaso?
A lacuna não é uma resposta plausível.
Superfícies de abstractos quadros irrompem céleres
na sedução de um movimento de formas,
a estranheza será a novidade de um outro mundo?
Preso no quase hipnagógico processo da revelação
o corpo ignora a sua carne, introduz
uma luz desfocada, sem origem, tudo parece
padecer de um nada que não faz mais sentido
nos anais do pensamento coevo.
Sono incapaz de adormecer. Intermitências
são como fissuras da realidade na iminência
de uma descoberta, haverá paz na desintegração
de devaneios relativamente psíquicos?
Elações de incongruências sofrem com o sono
a despropósito intumescências de aventuras,
que concreção da experiência exige
ainda uma língua? A realidade não faz mais sentido.
A presença do sono não se transforma em sonho.
Viver está para lá de qualquer sinal de vigília.

20/6/2013

RODA E ROLA

E tudo roda e rola na mentira de um tudo,
impassível maneira de não se compreender
o que existe. As palavras apalpam o real
e procuram, em sequências argumentativas,
seduzir a inteligência dos imbecis.

Somos todos uns imbecis.

Colocamos na voz sons sensuais
na esperança de se comunicar um anseio
ou um desejo, às vezes um amor.

O comunicável, deveríamos saber,
não precisa de tentativas de comunicação.

Sabe-se tudo o que se quer saber.

Nem sequer se ignora a ignorância.

E se há incompreensões inadmissíveis
é porque se pretende saber o que inexistente.

Conversas e falas e fantasias do convívio,
para quê? Para confirmar a imagem
de quem pensamos ser.

Há uma culpa que concita as gentes

a juntarem-se em aglomerados

mais ou menos humanos,

aldeias do esquecimento solitário,

vilas perdidas na mediana consolação,

metrópoles reduzidas a azáfama.

A natureza está interdita de ser natureza.

Uns dizem que foi dizimada,

outros dizem que nos vai tragar.

Não há políticas sensatas na organização
do mundo. À terra o que é da terra.

Ao mundo o que nos aterra no cataclismo
de poderes que ultrapassam

qualquer iniciativa tecnológica.

A lógica é a outra face da mentira,

do engano, da ilusão. Que comunicação
se poderia exigir do que nos é comum?

20/6/2013

AUTO-BIOGRÁFICO

Não ser capaz, infelizmente, de escrever
um porisma auto-biográfico.
Onde, etimologicamente sugerindo,
o auto, o bio, para se poder ser gráfico?
Que vida é de alguém quando se está sempre
aquém ou além do que se poderia ser
ou vir a ser? Onde a coincidência
do que se quis como sinal de identidade?
Vou pela rua, digo eu, mas quem é
este ágrafo eu? Aquele que escreve?
O que se deixa escrever? O que aceita,
num transporte agógico, as convenções
literárias de uma época histórica,
de um período mais ou menos estético?
Sou um homem, sou um homem,
é o máximo que pode ser repescado
da máxima biográfica auto-definindo-se
no que define como uma obsolescência.
Não ser capaz de ser capaz! Arfa
de desejo de sentido cada palavra
proferida sobre uma realidade quotidiana,
mas quem se sente uma língua?
Um apogeu circunscrito à escrita
de qualquer coisa que pareça ser o que é
do que é a experiência ainda assim humana?
Auto-redundante a vida não escolhe
as escoras de uma absolvição,
como fazer da vida uma projecção
do que poderia passar por uma verdade?
Vou de mim a mim na biografia
de um fim sem vista, vistas as coisas
assim até parece que se pode ser
auto-biográfico. Mas não será uma ilusão?
Não ser capaz, felizmente, de me inscrever
numa ilusão iludindo-se de propósitos!

20/6/2013

ETERNIDADE

E no entanto seria tão bom deixar-se no auge da língua uma réstia que fosse da vida que todos os dias nos atira para o percalço de um nada, seja passado, seja futuro. Estou em casa. Escrevo. Não finjo que escrevo, escrevo mesmo. A porética nada mais é do que o que está a ser. Tudo o mais, descrição ou indiscrição, está a mais. E no entanto. Digo: Confesso. Mas o quê? Há no quê qualquer coisa de anistórico, um enigma opaco, uma impessoalidade trágica e cómica. Confesso que não vou mais longe. Confesso que não sei ir mais longe no pensamento. Ah, profanar um segredo, dizer ao mundo a privacidade de um vício, de um crime, de uma amostra de qualquer monstruosidade! Mas que privacidade não é já pública? Um eu exaurido em milhares de outros eus poderá acalentar a ficção de uma solidão no seio da contemporaneidade realista? Idade a nossa, de perda e de contradições, condições mais do que favoráveis para o eco da perdição. E no entanto. Não, a vida não se deixa dizer, faz de conta que tudo conta para a súpula aprazível de um destino, mas não é verdade. Quem, hoje em dia, acredita em destinos? Ou em verdades? Contas disto e daquilo para pagar, é o que há, é o que nunca deixará de haver. Life Story, de Thomas Adès, é a música confessa do momento, a réstia e o rasto do que fica deste dia. Mas quem acredita em histórias? Onde a inocência? Onde a estupidez? Life Story, que ingenuidade! E no entanto quem se priva de um desejo de eternidade?

20/6/2013

ASPECTOS

Ritmos do que outrora se chamava tempo
 eclodem como furtivas manifestações
 do que outrora se chamava sensibilidade,
 explodem na mesmice de vidas
 expostas ao espectáculo do espectáculo,
 visões manipuladas de acontecimentos
 onde nenhum outrora consegue passar incólume.
 Dizem que houve uma aceleração de aspectos
 percebidos como espectros,
 a luz duvidosa de um crepúsculo ignaro.
 Deitado numa espreguiçadeira descomplexada
 observo a lua em plena duração do dia,
 um branco na devassidão azul do céu imenso
 que parece rodear o planeta terra.
 Um branco muito difuso permanece
 quase intruso no pano de fundo onde nada,
 estático e silencioso, indiferente
 ao tempo que dizem não mais existir.
 O conhecimento de ideias ambiciosas
 não faz rir nem chorar, a ciência, a filosofia,
 só pretendem ganhar mercados
 e consumidores, a vida tem que ser ganha.
 Nem todos gostam de trabalhar nas fábricas.
 E com razão. Oito horas de mecanismos
 corporais esvaziam em rituais
 competitivos qualquer consciência.
 Alguns falam de resistência, da luta
 que todos os homens livres devem levar
 a cabo. Aí é que está o problema.
 Não há, nem nunca houve, homens livres.
 Verdade que se pode, de uma espreguiçadeira
 solitária, livre de afazeres, consumado vivo,
 observar uma lua quase invisível.
 Mas quem poderá dizer que a ociosidade
 é uma forma, mesmo se dévia, de liberdade?

21/6/2013

OUTRO TEMPO, OUTRO ESPAÇO

Sem tempo nem espaço abraço-me ao peito
tentando conter dentro do meu corpo
quem sou ou quem penso ser.
Deixo a respiração livre de preconceitos
inspirar e expirar, inspirar-se em nada.
Vives, diz-me uma voz inaudível,
vives cada segundo dos segundos
que perfazem um minuto, os minutos
que se acumulam na perspectiva de uma hora.
Nada acontece no que está a acontecer.
Os minutos não reconhecem o tempo,
obedecem apenas a uma ilusão,
à ilusão de que a vida pode continuar.
A respiração continua, nua vibração celular
ousando participar na evidência do real.
Meu peito não arfa nem arqueja.
Finge que não é o que é, que não está
onde está, tentando um mimetismo
animal, procurando passar despercebido
na periferia da acção das coisas.
Imagino, implausível e elíptico, não ser
ninguém! Não ser corpo! Simplesmente
inacontecer! Não respirar! Mas como?
Quando se vive não se está morto.
Um medo subterrâneo em camarinhas
tépidas insinua-se em cada poro adjacente,
a pele não consegue ser um espelho,
como desaparecer no inanimado?
Tudo à volta nega-me uma cumplicidade.
Serei detectado? E por quem? Natural
como nenhuma natureza espero,
acossado. Será um pesadelo o que é?
A vida por um fio enfio-me em mim
procurando a todo o custo outro tempo,
outro espaço. Mas não será tarde demais?

21/6/2013

SURPRESAS

Relógios de um tempo inconcebível
soam em tique-taques acusmáticos, anfigúricos,
todo o dia, deixando quem os ouve
com a sensação de que não chega a visão
das coisas para que o mundo se faça realidade.
Não é o acostumado sangue esfacelando-se
em têmporas abissais, não é o nervosismo
de uma perna sufragando um chão,
é mais um incompreensível diapasão
tentando fazer do silêncio uma música intemporal.
Não há músicas intemporais. Nem silêncios
absolutos. Mas há uma intimidade feita de sons,
de batidas compassadas, de presenças
culminando numa companhia inesperada.
A vida está cheia de surpresas.
O mesmo se poderá dizer dos truísmos.
Tempos inconcebíveis procuram sentir
sensações solúveis e solvíveis, a percepção
de uma miséria humana não humaniza
quem deseja fazer de um destino uma simples vida.
Ninguém leu todos os livros, felizmente,
nem a carne de que os corpos são inatos
precede sempre uma dolorosa intromissão
do pessimismo. Ninguém tem razão,
é a história da moral. Sentem
os que pensam que pensam sentires
estranhos à esfera das emoções efectivas,
quem compendiou as motivações individuais
da humanidade que nem sequer se espantilha?
Complexos de preconceitos tentam partilhar
opiniões avalizadas, quem acredita nisso?
Escansões de tempo evolvem-se
pelos dedos incapazes de se enclavinharem,
haverá mal em tanta impotência?
Nenhum relógio determina uma vida.

24/6/2013

VICE VERSA

Noites ignominiosas não permitem a quem quer dormir
o descanso merecido, acontecimentos do dia,
testemunhados em noticiários manipulados,
explodem como obuses de uma guerra incompreensível.
O que vai pelo mundo! O que sucede a tanta terra!
Parece até que o quotidiano se quer fazer história
independentemente do fervor profissional
de quem a opera em livros que abarrotam os escaparates.
Quem poderá dizer que nunca foi sensível
a um disparate? Ou uma sua indesejada presa?
Ninguém fica imune à corrupção do tempo.
Todos nos deixamos enganar, o engano é o aliado
mais temível do poder. Todos procuram em suas vidas
o poder. De nada vale se mentir uma inocência.
Um ascetismo. Um desprendimento. O corpo humano
é sempre corpo de um delito. A inteligência
procura disfarçar-se em consciência, ou vice versa,
interessa deslindar-se as prófugas refutações
do imparcial? Todos, uns mais do que outros, sabem
que só se vive uma vez. Os pobres desejam ser ricos,
os ricos temem a pobreza. Entretanto, noites,
noites mal dormidas, onde a ausência de sono
substitui sonhos que até poderiam ser reveladores.
E fala-se ainda do amor como se fosse coisa exequível.
E extorque-se à ilusão paixões imarcescíveis.
Felizmente que não há verdade. Como confrontá-la
todos os dias? A todas as horas? Felizmente a memória
apaga-se lentamente como flores murchando
num vaso pretendendo oferecer ao olhar perdido
alguma beleza. Tanto de bom que o mal,
se existe, explora, convicto de que é para o bem
da humanidade, de um certo equilíbrio do universo.
Noites, noites febris onde o mundo parece
desaparecer na cabeça de uma insónia tacteante,
que medo o desfigura para se intrometer no sofrimento?

24/6/2013

DENODO

A cabeça decepada do corpo desfigurado
alongo-me sobre uma cama duplamente acolchoada,
olhando para o tecto indecifrável onde um candeeiro
parece não fazer nenhum sentido.

Sentido por não ter dormido suficientemente
fecho os olhos em interrupções ônticas,
esperando que a cabeça se junte à consciência
do que deveria ser uma ubiquidade do real.

O calor invadiu o apartamento.

Ninguém em casa, a não ser este ninguém
que sobrevém como uma metástase da operação
porética, ou, pelo menos, linguística.

Uma música religiosa nos registos da consagração
faz-se ouvir muito baixinho, caminho doloroso
para a dor de cabeça que persiste em advir existência.

Nenhum prazer. Que vai ser do dia?

Incapaz de imaginar a realidade não sei o que ser.

Será possível que tudo o que é vida
passe na eclosão de uma experiência de rotina?

Fazer o que tenho feito: impedir que a história
se apodere dos acontecimentos que se diluem,
pouco a pouco, em fracções miméticas
de uma imponderabilidade talvez substantiva.

Que aconteceu durante a noite para que o corpo
desconheça um lugar habitável na habitual presença
das coisas que fazem um mundo?

Nenhuma resposta. Se ao menos a música
me transpusesse para outras paisagens,
passagens de tempos inauditos, indeléveis,
incoercíveis! Mas o que impera é esta indefinição
entre o real e a realidade, poderei dormir
o que não dormi numa apoteose da luz solar?

A cabeça confundida funde-se novamente a quem
parece ser eu, aceitá-la, digo-me contrito,
aceitá-la, comovido pelo denodo da companhia.

27/6/2013

ESTASE

Se não houvesse o conceito de estase
haveria esta experiência da imobilidade realista,
nenhuma árvore divisada pela janela
sofre a lambedela de uma breve brisa.
O local desta região do país
imobilizado numa paragem do tempo,
como será verdade este sentimento aflito
de que ainda se está vivo?
Estar-se-á vivo? Ou tudo é sonho?
Ou tudo em tudo parece um nada atulhado
de coisas, de objectos, de uma natureza
que persiste em se infiltrar na infra-estrutura
suburbana? Longe, mas tão perto,
aquilo a que chamam a serra de Sintra.
Sorri, mentalizo-me numa lufada de ar fresco,
meramente retórica. Nada bole.
Minto. Lá ao longe, numa estrada visível
por entre o casario cerrado, passam automóveis.
Não ser automóvel! Não me mover
em disposições de finalidades bem precisas,
ir aqui e ali, em azáfamas do dia a dia
que são tão impreteríveis como a sobrevivência.
Trabalha-se neste país. As pessoas,
indiferentes ao calor que abrasa os corpos
e corrompe as sensibilidades perclusas,
atarefam-se, tanto a fazer
para se mudar o estado de coisas!
Fica sempre uma suspeita: Será possível?
Dois ou três pardais voitam incógnitos
em fracções de segundo, asas desafiando o ar
que culmina na estagnação.
Há espera. Haverá esperança?
De que ao dia se sucederá uma noite?
As leis cosmológicas são verdadeiras leis?
As meteorologias não se enganam muitas vezes?

27/6/2013

DA SOMBRA

O fresco da sombra no apogeu da manhã,
senti-lo, senti-lo.

A sombra iluminada de sensações
dísparas, de incertezas incontroláveis,
de indispensáveis memórias.

Hiulcos e hiantes hinos à passagem
do tempo.

Sentir no corpo a carícia
quase amarga de uma frescura esdrúxula,
vinda da sombra aquiescente
que pervaga.

Tão bom estar-se vivo, sol
dissolvido em florescências ignaras.

Ninguém. Neste climático desafio.

Um sorriso leve como o outro lado da vida
transforma-se em natureza,
natureza de quê?

A hora demora, perplexa na cumplicidade
de um devaneio talvez intelectual.

Senti-la, senti-la.

Nada está bem no que se reclama
do mundo, e tudo está bem.

Há traições que são necessárias.

Crimes imperceptíveis percebendo
estilos de uma mutação
talvez gradual.

A sombra estreita-se
em estritas geometrias do acaso,
quanto tempo durará a frescura?

E o sol?

Sombra e sol delimitam
uma estratégia da pulcritude
que embeleza o momento esporádico.

A aventura feliz de estar.

Na sombra fresca da manhã conspícua.

28/6/2013

AO LADO

Há uma convulsão de sentidos
saltitando no silêncio da tarde próxima,
que quererão expressar?
Ponho ouvidos na imanência
de uma duvidosa iminência, nada.
Mas há quase sons
desnecessários a qualquer voz,
sinto-os como se a certeza de sentir
não estivesse em causa.
Oráculos deixaram de fazer história.
Mitologias foram abandonadas.
Que impressão pretende
irromper a barreira do tempo,
que dizer procura uma presença fértil?
Não consigo trazer comigo
a experiência de antiquíssimos
mistérios, de vozes alertas.
Quem está, para lá de mim, ao lado
de quem sou?
Serei surdo ao clamor
de mundos que persistem
em resistir no intumescimento do silêncio?
Haverá ressonâncias inolvidáveis?
Pegadas de acontecimentos
que passajaram a terra?
Sentir não será um engano?
Que há em volta?
Vozes dissonantes dizem
afazeres de homens e de mulheres
no exercício da azáfama,
clangores manipulam consciências,
por que terei, eu, de sentir
o convulso nada?
Tumulto contemporâneo,
apaga o que não é existência!

28/6/2013

INACONTECIMENTO

Perguntou: Por que é que um acontecimento não é um mero evento?

Respondi: Porque um acontecimento é um acontecimento, e um evento é um evento.

Sorriu como se eu fosse estúpido.

Escondido na minha ignorância não lhe perguntei qual a origem das duas palavras.

E isso interessava?

Sinónimos são sinónimos,
pelo menos para quem os emprega hoje
como se nada fosse.

Confesso, fiquei melindrado com o seu sorriso.

Olhei para aquele sorriso
com um desprezo total pelo saber,
talvez mesmo pela mania do conhecimento.

Que mania a tua, acrescentei em plena desilusão.

Se tu soubesses, ao menos, o que está contido
no termo mania!, respondeu-me ele
com se soubesse.

Não achei mais engraçado
aquele sorriso de uma bonomia superior.

Retorqui: De qualquer maneira isso
não me interessa, pois vivo no inacontecimento.

Deixou de sorrir para devolver-me
uma gargalhada que atroou no aparente
disparate proferido.

Perguntou: Que queres dizer com isso?

Sorri: Tu vens do passado que pretende sobreviver
a todo o custo, eu inicio um futuro.

Disse: não se pode viver no que inacontece.

Sorri como se soubesse do que falava:

Mas pode-se viver no que evento.

Invento, corrigiu-me, um sorriso nos lábios.

Evento, repeti-lhe com uma sabedoria vulnífica,
evento! Tão fácil, às vezes, ser-se erudito!

4/7/2013

MOMENTOS

Há momentos que nenhum tempo pode conceber.
Não porque estejam fora do tempo,
o que quer que isso signifique,
mas porque não precisam do tempo para ser.
Não se pretende sugerir o estático êxtase
ou o íntimo ínstase, coisas que foram passando
com passados da experiência humana.
Não há, para dizer a verdade,
nenhuma verdade no que se disse quando se disse,
escrevendo: Há momentos que nenhum tempo
pode conceber. Há apenas, se isso
for possível nos dias de hoje, uma deiscência
para o mistério das línguas, uma possibilidade
desconhecida, incomum, feérica.
E no entanto é tanta a beleza que sinto por sentir
que posso sentir a beleza do que foi proferido.
A incompreensão é uma aventura
tão futura que ninguém, ou muito poucos,
a pressentem ou consentem.
Momentos que fogem ao agora, ao instante,
distançando-se do mundo para se introduzirem
na terra. Não saber ler esses momentos.
Poder senti-los como afagos
de uma vizinhança adstrita ao perto,
carícias de um nada inventando um entre
que repudia tanto a origem como o fim.
Não é necessário estar-se à altura do que é.
Mas é bom, do é que é, testemunhar-se
a contiguidade de uma presença de existência,
de uma coisa que se transforma
advindo outra coisa, eternamente
metamorfosando-se em sensações simples.
A realidade não pode ser concebida
sem a expressão do tempo, mas o tempo
só existe concebido pela exclusão de momentos.

4/7/2013

A VIDA DO SOL

Sol dissolvendo-se em calor, escasso vento,
escassa vontade de movimento.
A água azul mesmo em frente é uma tentação.
A hora prandial, contudo, não permite veleidades.
Fazer a digestão de um almoço tardio,
a família nos seus diversos elementos é um atraso
do relógio. Choupos incapazes de um choupal
elevam-se, verdes, para o céu. Dedos
estendendo-se até ao limite de uma metáfora.
E um indescritível prazer é ver
que nada há para ver quando se sente
uma inesperada felicidade pelo que se é
no que passa por ser a realidade do momento.
Nem uma só ideia na cabeça depauperada.
Nem uma só emoção no calor
que provoca no corpo um embotamento.
Sensações muitas, de uma leveza
onde um álcool alinhavou as peripécias
de um contentamento sem porquê nem como.
Estar-se. Acolchoado no côncavo da espreguiçadeira
de lona, o azul do céu reflectindo-se no azul
das águas da piscina paralisada.
Grita o milhafre que inaugura na vertical
um voo incompreensível, que cimo o define,
que necessidade o move? Ei-lo. Será o mesmo
dos outros dias? Será a fêmea? Será o macho?
Será um filhote do casal? Perguntas
inúteis. Fechar os olhos e sentir. Sentir
que nenhum sentimento interrompe o simples
contentamento de estar. A vida!, diria,
inspirado, um poeta de outrora.
Épocas passam sem nunca envelhecer,
civilizações perdem-se e acham-se em civilizações.
Que é feito do que se fez da humanidade?
Nenhuma idade descobrirá a verdade.

4/7/2013

O ÚNICO

As macieiras tresloucadas,
inundadas de maçãs em ramos que começam
muito levemente a pender para a terra,
como explicar tanta abundância?
A terra é a mesma, o vento é o mesmo,
como conseguiram, essas árvores amadas,
fintar as vicissitudes das contingências?
Conseguiram, é o que importa.
Cada maçã incoativa é um astro verde
transformando-se em cores de galáxias tidas
por verdadeiras realizações do universo.
As copas escondem frutos.
As folhas borboletam na espessa
desenvoltura das árvores, uma alegria vê-las
acumular-se em redondezas indiferentes
às mais fortes rajadas do vento.
Anos e anos de um labor insano, fui eu
que as fiz chegar aqui, ou o temível acaso?
Tresloucadas, as macieiras,
dando-se ao prazer de serem observadas
por um olhar ameno, sereno, amante.
Volúpia e concupiscência são vestígios ignaros
de outras meditações insuladas,
o redondo será sempre, talvez, um seio
no seio simbólico da humanidade desesperada.
Não há realidade que resista à mitologia.
Não há mitologia que sobreviva à realidade.
Como narrar uma descrição?
Como inscrever na experiência coeva
uma experiência nunca descrita ou legada?
Nunca, talvez, experimentada?
Como descrever a existência de uma acção?
O que há de próprio na impropriedade?
O único não é uma observação dos sentidos,
o único é uma noção tresloucada.

4/7/2013

É POSSÍVEL

Há na alegria de haver um dia, este dia,
talvez um pouco da loucura que se assegura
como humana, mas isso importa?
Quando não há lei é a lei que impera.
Dizem, somos humanos. É possível.
Dizem, somos racionais. É possível.
Dizem, somos plintos da afectividade. É possível.
Dizem, amamos. É possível.
Quando nada mais se pode dizer
que o desejo de se desejar que a realidade
seja real, tudo é possível.
Há, todos os dias, uma possibilidade
de alegria nos gestos que expulsamos
do corpo imarcescível, poderá haver, às vezes,
uma tristeza que não vai mais longe
que a periferia onde se vive.
Quer digam quer não digam,
há, infelizmente, a dor e o sofrimento.
Que todos pretendem ignorar, dizendo:
Ser-se humano é uma aventura diária.
Digo, é bem verdade.
Não vou discutir o que é a verdade.
Nem o que é ser-se humano.
Ecos de ecos e réplicas de réplicas
perpassam na história da humanidade,
todos nos pensamos únicos, e indispensáveis.
A sobrevivência é o pensamento concreto
da filosofia mais duradoira,
da filosofia que atravessou, possivelmente,
milhões e milhões de anos.
Pode não corresponder a nada,
mas o nada talvez seja a fonte da maior
e da melhor das ilusões afectivas.
Há a alegria de haver um dia, este dia.
Quer se queira quer não, isso tem que bastar.

10/7/2013

HÁ-OS

Nunca houve língua para o que não há.
Há-os que quiseram trazer ao mundo uma língua
capaz de transportar em si um haver.
Sentiam na sua sensibilidade um sussurro,
um persistente chamamento.
Pensaram, só pode ser do futuro,
só pode ser o futuro incapaz de esperar
pelo seu tempo. Mas o presente é o presente.
Não há furos em muros que não existem,
ou só existem na língua de quem se consente
uma realidade pela audição susceptível.
O tempo é, e sempre foi,
aparentemente, uma perda de tempo.
Coisas acontecem, distendendo-se no tempo
em que acontecem, parecendo quase
tocar a ideia do que poderia ser o futuro
abrindo alas na consciência.
Um passo em frente do que é, é uma ilusão.
Passagem é a fruição do que advindo
não se consente um minuto que seja à frente
do minuto que passa. Fluir é a lei.
Passar na ignorância dos acontecimentos
afeitos à contiguidade e à duração.
Não há estagnação nem paragem epifânica
do tempo perante uma paisagem,
verdadeira ou assinalada em pinturas
que assumiram a ideia de uma fixação.
Nada se inscreve em nada,
mas quem aceita essa lição?
Eternidade é o que falta da idade.
Essa falta não pode ser vivida de boa mente.
A humanidade exige mais do que um vir
ao mundo. Exige um mundo que possa ser seu.
Mas nunca houve realidade sem a concorrência
do real. E o real não sussurra nem chama.

10/7/2013

BLUES

Refrescada a manhã estival
pelas janelas entreabertas é um prazer
ouvir estes blues de uma ancestralidade histórica,
standards que fizeram sucesso
quando o acesso a esta música era duvidoso
e se distinguia ainda pelo periclitante.
Como pode um passado não ser passado?
Que energia traz esta música,
possivelmente toda a música, que apresenta
sempre presentes de uma presença
apostada em sobreviver à ignomínia do tempo?
Ouço-os como disparado para díspares
ocasiões de acasos estéticos,
disparates de sentidos excluindo a forma
da própria necessidade de uma história factual.
O prazer de poder viver o ouvido
noutras possibilidades da existência
que parece ter sido minha, da existência
que parece ter sido de outro mundo no mundo!
Não são memórias revividas.
São reconhecimentos de estadias
na sensibilidade contemporânea de quem sou,
como se ser não fosse só ter sido
como também possa ser ser ouvido
em experiências que confundiram as exigências
de uma identidade intransmissível.
Há músicas que me fazem corpo no corpo
que todos os dias envelhece
sem muito bem saber porquê, fatalidade
ainda é um conceito ou uma ideia realista?
O blues dispensa-me de qualquer
crença no mistério, passa por mim
como se soubesse que em mim a vida
foi outra coisa, essa coisa dizível e nominável.
Mas o dizível e o nominável dispensam o blues?

10/7/2013

VOZES

Perco vozes como perco manifestações
do que vem até mim em forma de vertigem,
palavras saltitando na consciência
como se algures uma fonte desmantelasse
as inibições que sucedem durante o dia.
Noites sentindo no vestibulo do sono
linguagens tumultuando de uma urgência
que nunca é, infelizmente, compreendida.
O que me diz quem não se diz? Quem,
para lá de mim, escreve no meu corpo
incapaz de memória arengas inexauríveis,
tragos de uma inclemência dando vida
ao que sempre detestei, a imaginação?
Penso às vezes, levantar-me, ir convulso
ao computador, despejar na superfície
do imponderável as sintaxes pérfidas.
Mas esse acto não seria mais um gesto
da escravidão que me atém dia após dia?
Melhor deixar passar o delírio. Quem,
de quem é humano, necessita do reles
relato da experiência do desassossego?
Que testemunho nessas palavras caóticas,
que beleza poderiam possuir no assalto
que me fazem sem um consentimento?
A noite é para dormir, grita o silêncio.
Espalhado no espelhado da involuntária
efervescência espero que tudo passe,
que todo o fervilhar seja um passageiro
efeito de uma impossível causa, a casa
onde me incluo como um ser ainda vivo.
Perdido nas vozes imbecis que clamam
uma existência e um suporte, aguento
a intrusão do mal nocturno, adormecer
será uma inevitabilidade, um bálsamo
ameno para quem esgotou o sol do dia.

12/7/2013

UM ATREVIMENTO

Um atrevimento tutelar instiga-me a sentir
que não é pelo sentimento, cómico ou trágico,
que a vida poderá adquirir algum sentido.
Não olho em redor porque não há redor.
Há um olhar que se inspira em velhas formas
de metamorfoses antiquíssimas,
palavras não fazem línguas,
línguas servem-se das palavras
para afirmar uma presença algures
entre a realidade do que é e o que é do quê.
Que estupidez, escrever-se disparates
que nem sequer aspiram à absoluta presença
da arte, da arte de viver, da arte de pensar,
da arte de sentir que sentir é um subterfúgio.
Dizem que não há saída. Ei-la. Aqui
mesmo, se o mesmo não mudou
ainda de substância ou de clima.
O que seria do atrevimento tutelar
sem princípios nem adjectivos, como fazer
crer a quem quiser crer que há sempre algures
um caminho, uma senda, uma metáfora
arvorando-se à complexidade
de um fácil raciocínio?
Os disparates, por mais
que digam, não abundam.
Tudo advém da inteligência de tudo,
vejam o que se passa em redor quando não há,
nem nunca haverá, um redor. Tão fácil ter-se,
mesmo assim, opiniões. Vale sempre
a pena debater-se o que o real
não cauciona nem perora,
exegeses são auxeses
de factos talvez fatídicos,
mas quem acredita em fados?
Nem sequer os que os cantam, convictos.

12/7/2013

TARDE DEMAIS

Um corpo ferido numa desconhecida dor
não pode ferir fogo na fricção das palavras.
Não há disposição para nada.

Um sentimento difuso, de perdição:
qual o tempo, qual o espaço?

Olhos desviados do rosto, restos
de contemporaneidade, que viver, mesmo
assim, consegue ser este?

A manhã, sem dar conta disso, já é tarde.

A tarde, no seu começo, pensa
que ainda se demora na manhã.

Tudo está enganado, tudo se ilude
com desatenções voluntárias, tudo finge
que é o que já não pode ser.

Uma dor não precisa de um corpo
ferido. Um ferimento poderá ainda ser
corpo? Tudo roda e gira na figura
do vórtice, mas o que é um movimento
desfigurado? Não há caos

que não se reveja no esplendor
da estase. Não há fala que resista
à lógica da língua, seja ela qual for.

Talvez não seja uma dor. Talvez
desta vez tal possibilidade nada mais
seja que uma disponibilidade
desbaratada. Quando não se sabe
onde ir, ir não nos leva a nada.

Ou só nos leva ao nada. Ao auge
do que se pensa quando se pensa
que uma inexistência ainda é viável.

Só o futuro advindo nos poderá dizer
se o corpo estava ferido ou se a dor
fazia sentido quando sentida
pela consciência do corpo.

Mas não será tarde demais?

19/7/2013

UM HORROR

Há algures um horror fazendo-se passar
por alegria, um efeito vulgívago
atravessando a luz do dia,
há qualquer coisa que não é uma coisa
da ordem do que é ou costuma ser.
Não reconhecer o que é, é terrível.
Passos que se dão no chão
da terra ressequida, sons quase insultuosos
pela presença que evidenciam,
quem se desdobra e em quê, quem
demora no que foge no fulgor
de uma faúlha imaginada pela consciência?
Não haver uma distância entre o que é
e o que se diz no silêncio da língua,
não haver uma medida.
Não se pode meditar o horror.
Sentir não pensa. Passos que atroam
na inclemência do real, onde vão
esses passos? Ninguém os compreende.
O mundo é um abismo sem fundo.
A vida uma viagem sem volta nem ida.
De onde poderá irromper
o desejo infrene de uma alegria?
De que medo? De que angústia?
Tudo demasiado presente
para que se possa sentir uma presença.
Não há voz que vocifere. Vida,
vida, é o eco intestino, íntimo, carnal,
que muro ou superfície o elucidou?
Ninguém sabe do que se está a falar.
Está-se a falar? A sugerir
alguma coisa? Quando o horror
não horroriza mais, que mais
poderá ser humano? Que convívio
com o que nos é e o é do que deseja ser?

19/7/2013

DISPLICENTEMENTE

Bom, estar-se displicentemente na eclosão da tarde
como se nunca fosse tarde demais para se estar.
Nuvens impassíveis exceptuando o azul do céu,
pássaros pacíficos perdurando em voos
que não retêm da atenção mais
do que um segundo.

Terra ou mundo? Importa?

Nenhuma resposta responde à alegria
que desfibra no clamor do tempo passando,
nem tudo será passagem, mas tudo do tudo que é
passa numa determinação que nem sequer
suspeita da suspeita que se poderá
acalentar. A vida arfa.

Fechar os olhos para melhor
se sentir o olhar, alguém o disse
há muito tempo, num outro local,
num outro clima, num outro continente.

Não se saber, ao certo, quem o disse assim
tão casualmente, tão, talvez, displicentemente!

Vozes quando os olhos cerrados encerram
difusas memórias de memoráveis
momentos de lucidez ou de rara
acuidade. O real aí está.

Sempre esteve, o real,
aí, à volta, diapasão de soltas
latitudes na imensidão dos actos
que emanavam dos pensamentos icásticos
que inundaram a consciência de presenças, ecos
talvez tautológicos de ecos anagógicos
tentando alicerçar uma realidade.

Ser-se, displicentemente,
realidade! Um corpo suando
quanto calor é verão, quanto calor
dá, ao que se sente, a sensação de que estar
é uma possibilidade exorcizando a possibilidade.

22/7/2013

UMA VIDA

Se houvesse uma vida de que se pudesse dizer
a beleza e o privilégio, ter vindo ao mundo
num enfeite da sorte e não só do acaso.
Se houvesse essa vida a música
talvez me fosse desnecessária,
ou apenas um afago suplementar
na dissolução dos sentidos ontológicos.
Abro os braços e nada abarco.
Olho o céu incapaz de um êxtase.
Sinto no corpo revoluções da carne,
que acontecer vai ser hoje, amanhã?
Há uma vida que depende de tudo
quanto não nos é, um cerco desalmado
tentando convencer-nos que tem que ser assim,
que é natural tudo o que sucede.
Homens e mulheres deixam de ser
crianças para engendrarem mais homens
e mulheres, as crianças apenas
uma necessidade no calendário do processo
que se prolonga e alonga ao longo
dos séculos em histórias mal contadas.
De onde vim para não reconhecer
estas paragens? Tudo me é estranho.
Quem me colocou neste planeta?
Quem é quem não é uma pergunta,
é uma resposta. Insentido na sensação
de um olvido sei que não sou de aqui,
reconhecendo contudo que não posso dizer
que há ou houve algures um lá.
Meu nascimento foi um simulacro.
Houve um engano terrível, sou esse engano.
Poderei chamar irmãos e família
aos que se guerreiam em nefastas horas
das convulsões sociais? Ou terei sempre
que dizer, incompreensível de mim mesmo,
a manhã, a tarde, a noite, consolações
da estadia na terra onde me confundo?

Mas a própria manhã perdeu o seu dilúculo.
A tarde o seu jeito outrora vesperal.
A noite a sua difusa escuridão.
Dizem, tudo muda. Muda, a vida
transforma-se numa abstracção árida,
conceptualizando pareceres da inteligência
que só antecede a complacência do mal.
A crueldade dos factos é humana.
A violência dos convívios é humana.
A desumanidade é humana.
Dispersão é o nome da coisa,
a coisa não tem nem deseja ter um nome.
Muito mais fácil para a irresponsabilidade.
Olho e vejo a luminosidade da manhã,
sinto a frescura da aragem que flui,
tudo poderia ser diferente, penso.
Tudo era diferente, lá, tenho a certeza,
só não estou seguro da existência desse lá.
Se houvesse uma vida que pudesse ser dita!
Se houvesse uma vida para ser vivida!
Só há o que há: presença e nada.

23/7/2013

A CONFUSÃO

Uma vergonha indecifrável aceita
acender-se na esfinge do rosto,
que civilização se apodera
da fragilidade do humano?
Dias travestidos em dias,
estações percorridas de eventos,
factos climatéricos, atmosferas
de sensações preconizando ecos
de sentimentos que não poderão ser
sentidos. O que somos quando não somos?
Dizem, o pensamento que não tem forma,
a ideia que não pode ser articulada,
as impressões que não são expressas,

os sentidos que não são manifestos,
não existem. Dizem: É a verdade.
Não dizem: O que não é nem existe,
a inexistência, deseja a todo o transe
ser existência. Como não dizem
que a humanidade que se alastra na terra,
homens e mulheres e crianças
inacessíveis dentro de um conceito,
aspira, talvez, um dia, a ser humana.
Uma tristeza especulativa perpassa
pelo momento devolvendo-o ao tempo,
é corpo, é consciência, é ânsia,
não sabe nada mais ser.
Uma lágrima não sofre um destino,
é destinada. Um riso galvaniza
o sentido de uma experiência,
há algo que não se confunde com a dor,
um impulso para que o amor possa ser
amor, ignorada que fica e significa
tal expressão no léxico das populações.
Ficções disto e daquilo
não se dispersam em ilusões,
o que se imagina imagina alguém
no que lhe é mais próprio.
Não há voltar atrás. Avança
o que passa por ser ser no que passa
pela devassa do pensamento,
uma eclosão nem sempre é abertura
ou deiscência, uma explosão
nem sempre destrói ou mata.
Não há língua que suporte o real.
Nem realidade que apoie a pretensão
de se dar um sentido para a vida.
Ávida de desejo a memória
busca um passado para justificar
o presente com presentes votivos,
valerá de alguma coisa?
O que foi vivido não possui uma frente.
Frente ao que é nada nos resta que fazer

de quem somos o que somos,
passos dados em apogeus de eventos,
lábeis acontecimentos irremeáveis,
histórias que se acumulam no acervo
da história divulgada pelo logro da verdade.
Como se a eternidade, até como ideia,
aceitasse um cúmulo ou um corte.
Só a morte nos salva. Da mentira afecta
à ocorrência das vidas que pensamos
possuir na azáfama do que tinha que ser feito.
Não há pois razão, por haver, para a vergonha
que se possa sentir no rosto envelhecido.
Tudo decorreu na humanidade
das limitações e das maldades,
às vezes um zelo transformou-se num bem,
ainda bem para quem pretende
a todo o custo não dizer nada no nada
que se alicerça de peripécias banais.
Para quê se banir a ficção
quando com ilusões se pensa
atingir o sentido do haver alguma coisa?
Alguma coisa haverá nessa coisa.
Quer se queira quer não.

23/7/2013

UM PRIMATA

Primata que sou, agachado, coloco mãos
no chão aquecido pelo sol do verão.
Ignoro o que sinto. Ignoro o que penso.
Ignoro a sensação do que deveria estar a sentir.
Sei que sinto, nas palmas das minhas mãos,
a palha escassa que junca o chão
de um amarelado entrelaçamento de ervas.
Serei, realmente, um primata? Se dissesse,
sei o que sinto, sei o que penso, sei
a sensação que sinto quando coloco as mãos
no chão, deixaria de ser um primata?

Ignoro. Nunca me senti, confesso, um primata.
Nem sei o que significa o termo primata.
Sempre me pensei, não sei porquê,
um homem. Sempre me senti um homem.
Não estou a compreender o que estou
a pensar, a sentir, a dizer. Faz sentido ser
do sentido a sua esporádica ausência?
Coloco, primata e homem, as mãos abertas
sobre o solo investido de sol, a terra
não arqueja nem se move, confunde-se
com o solo e com o chão. Agachado,
imbuído de mim, afago levemente a palha
que não o consegue ser pela escassez
das ervas amareladas pelo estio, algo jaz
no toque das mãos no chão, deveria talvez
dizer, algo se perfila, um sentimento?
Que terra erra dentro de mim sem dentro?
Que mãos são estas dispersas no afago
de um achado, de uma descoberta?
Sei onde estou? Sei quem sou?
Quem sou? Um primata? Um homem?
Descido ao contacto com o chão da terra,
agachado, procuro pensar, sentir
que para além do facto de colocar
as mãos no chão sou de uma maneira
ou de outra um primata, um homem.
Que faz, agachado, um homem colocando
as palmas das mãos no solo sólido,
compacto, atestado pela presença
de ervas amareladas pela segura óbvia
do verão? Não sei. Mas sou eu. Tentando
talvez ser, pela primeira vez, um primata,
que também sou. Moral da história,
se a história consente alguma moral:
às vezes nunca se é, ou se sabe que se é,
o que também se é. Ser é um enigma.
Um primata esquecido no homem que se é.

23/7/2013

ENTREVISTA

Dizem, a palavra...
e depois deixam-na suspensa
como uma verdade evidente, oracular,
compreensível por todos aqueles
que são sensíveis à palavra.

Nem sequer, as palavras.

Mas, a palavra.

Esse absoluto, reduto
ainda justificável para que vendas
se façam nos olhos daqueles
que não percebem a importância
da palavra.

Um mistério.

Um inominável.

A palavra, dizem,
como se dissessem alguma coisa
para lá da coisa e além de quem
a profere com um medo sacrílego
por pronunciá-la.

A palavra.

Assisto à entrevista
do velho poeta os olhos
marejados de espanto,
nunca ter percebido na palavra,
nas palavras, a palavra.

O que não perdi na minha vida!

Acenos do eterno
sulcando esmeros
de acontecimentos excepcionais,
sínteses do que é, afinal,
ser-se no incondicional mericismo
do mesmo. A palavra.

O mundo apaga-se,
a humanidade desaparece, a dor
evola-se, fica, sumptuosa e inefável,
a palavra.

Há livros que dizem tudo,

dizem, há momentos
que excedem a possibilidade
do tempo se consumir em tempo,
há, insuperável e insuspeitável,
ferida de uma beleza estranha,
a palavra.
E o silêncio
que a segue, suspenso
na profundidade do que se acaba
de proferir,
essa evidência, essa,
como não dizer, pura palavra.
Essencial.

23/7/2013

TATUAGEM

E no entanto, quem, de quem
viveu no mundo dos homens e das mulheres,
utilizou tantas palavras como eu?
Umás atrás das outras,
obsessivos desfiladeiros
procurando uma direcção e um sentido,
ou sentidos, ou direcções
capazes de desafiarem a arrogância
do dédalo? Quem embebeu as palavras
de uma sensualidade rítmica,
quem as fez palpar
de exuberância em danças
que puseram em causa o próprio equilíbrio?
Quem, senão eu, se deixou levar
nas suas armadilhas, pé ante pé,
passo após passo, inebriado de possíveis
soluções para o facto
de se viver sem uma lei ou uma ordem?
Quem, desiludido da empresa,
não as amaldiçoou com um amor cego,
espumando de uma raiva

que enlouquecia a língua de temores?
Quem escreveu ou escrevia
as palavras no próprio corpo,
literalmente, o polegar deslizando
no indicador incessantemente, noite
e dia, numa sucessão
de descobertas que não levavam
a nada? Ou que só levavam
ao nada? Que eu saiba, só eu.
Escreveram-se milhares de livros
em cadernos abissais,
mas quem se fez livro na agonia
de uma perda de tempo
onde a perdição sempre espreitou?
Meu corpo é uma tatuagem.
Todo eu sou palavras, jovens e velhas,
irrequietas ou cansadas.
Aceito-as todas como aceito
o destino em que não sei crer,
incluí-as e incluo-as todas em mim
como se fosse um monstro
despedido da sua inesperada época.
Com elas tentei levantar um muro
capaz de me abrigar da loucura,
consegui-o? Quem sabe?
Quem sabe o que é a loucura?
Na ignorância e na estupidez depositei
a brevidade da minha existência,
que ganhei com isso?
Mais alguns anos de vida?
Amo-as, a todas elas, fiéis ou infiéis.
Não me cabe a mim a moral
das civilizações emasculadas,
cabe-me escrever o que estou a dizer
sem sentir nem pensar.
Línguas, onde qualquer realidade
pode ser lambida até à eclosão
de um orgasmo.
Utilizei-as e utilizaram-me.

A meias, como num trémulo pacto.
Se isto não foi amor, não sei que seja amor,
que seja amar.
Não deposito nenhum rancor
no chão da imperfeição e da incompletude,
há problemas que não se resolvem
na solvência das palavras.
Cercado de vozes irremeáveis
pondero exercícios da relatividade,
céptico tantas vezes
dos resultados alcançados.
Alcansei-me?
Não, não é a história,
futura ou passada, que o dirá.
Ninguém o dirá. Só as palavras
saberão compreender o incompreensível,
não quem se apossa delas
para delas abrir janelas de esperança
ou de conhecimento.
Amei-as, amo-as.
Nada mais importa.
Nem eu ser eu, nem o ser ser ser!
Fui-as tão intensamente que julguei
atingir as fímbrias da realidade.
O limiar da saída.
Outro sol.

23/7/2013

SÓ POR SI

Sozinho em casa atrevo-me a frequentar
cada portada e cada janela
que me abre à noite suburbana,
ninguém nas ruas adjacentes, apenas
luzes, luzes de candeeiros quase feéricos
introduzindo na sensação que se arvora
a sensação de que o universo
obscurecido por um negror ubíquo

é frequentado por silêncios esquecidos
de gente movendo-se noutras dimensões
do real. Um silêncio indissolúvel,
uma ligeira humidade retida na timidez
da sua suspensão talvez indispensável.
E edifícios irrompendo do chão,
janelas fechadas para que o sono talvez
seja uma compleição do prazer.
Dormir, dizem os que dormem, dormir
é um bem. Passar algumas horas
fora do tumulto da realidade,
sedosas membranas da indefinível
possibilidade de um outro mundo.
Uma crise indelével ocidentaliza
a terra, negócios e perspectivas goradas,
economias que reflectem o mal-estar
de um estar sem uma solução
para os males que galvanizam o mundo.
E tanto mundo esquecido
nas consciências contemporâneas,
noites que nem o sol consegue
amanhecê-las, sofrimentos talvez
humanos delimitando-se à espera
da morte. Mulheres e crianças choram
num apaziguamento incompreensível
vidas que não serão vividas,
que lassidão as devora na estagnação
do tempo, que tempo
lhes falta para deixarem
de estar vivas? O silêncio suburbano
fala. Concede a quem o quer ouvir
abandonos da humanidade,
como se a paz fosse um crime.
Dormem neste bairro iluminado
pela beleza talvez intransmissível
os que dormem, amanhã
já é hoje, trabalhos iludem
as populações com salários
que se pespegam às peles anestesiadas,

a vida continua. A vida continua.
Quantos dos que perecem
em desertos africanos e áridos
não gostariam de possuir também,
talvez, peles, mesmo se anestesiadas.
Todos somos refugiados.
Todos emigramos e imigramos,
percorremos a terra dividida em nações,
em propriedades, na esperança
de um pão, de uma côdea
que se possa comer em intervalos
de dor, de uma refeição capaz de trazer
ao corpo a consciência da perda
na perdição de um caminho insignificante.
A noite não é simbólica. A morte
não deriva de nenhum mito.
A vida escrava escreve estranhos livros
que ninguém ousará ler.
Não há tempo. O tempo flui
cortado de azáfamas e de apogeus,
quem ousará escrever a história
contemporânea da verdadeira crise?
Não os que a sentem.
Talvez os que a estudem.
Factos e números, estatísticas,
a realidade mitigada do que foi,
nunca do que é. Que significa pois
esta paz, este silêncio, esta iluminação
na concavidade do negror?
A beleza é amarga, alguém o disse.
Nada resta do que persiste em ser
alguma coisa, se pudéssemos ser a noite
e nela flutuarmos como eventos
desconhecidos da própria ciência.
Ninguém lá fora. Ninguém cá dentro.
Um olhar e uns ouvidos
não são humanos só por si.

26/7/2013

ALACREMENTE

Não se poder sair,
como tantos o fazem, da realidade,
para se mergulhar alacrememente
na língua esdrúxula
das palavras criadoras.

A prisão que é estar-se cercado
de acontecimentos e de lugares
mais ou menos históricos,
e daí, muitas vezes, o sofrimento.

Passar palavras pelo som
como se não houvesse nada,
nem sequer um mundo,
uma terra, uma humanidade.

Ter a sorte de se exaurir
uma autonomia apocalíptica,
revelando a beleza
do que poderia ser se o ser
não fosse o que é.

A prisão é um facto.

Feita de contradições
a língua apenas ecoa subterfúgios
de desejos inconfessáveis,
viver-se num esplendor
que desafiasse a vinda, mais
tarde ou mais cedo, da morte.

Não se saber esquecer
é imperdoável. Leio a lei
dos que subsumem um desvio
e uma beleza imutável?

Não leio. Não tenho coragem.

A mentira dos que se fazem lira
é-me tão penosa
que sinto até a tristeza
de não pertencer à ilusão.

Não se poder entrar numa saída!

26/7/2013

ENERGIA

A ingenuidade dolorosa, incompreensível,
pensar-se sem rodeios nem ilusões
que alguma coisa ficará do dia.
A estupidez é verdadeiramente humana.
E cada dia em que se entra nesta aventura
o sentimento é de uma alegria,
como se se concebesse a morte
quando se concede a ficção da história.
Desta história. Os dias grávidos
de si mesmos sucedem-se na fatuidade
de uma independência cósmica,
até quando não é a pergunta,
é a resposta. Será possível doar a língua
de uma dimensão desconhecida,
estranha, capaz de aceitar
as controvérsias das inversões agónicas?
Não há luta onde não há batalhas.
Palavras permanecem juncadas
em livros sucessivos, mas haverá ciclos
ou estações para o testemunho?
Um sorriso mais longo que a brevidade
da vida alerta a consciência,
que importa o apagamento, o anonimato?
Acto de uma praxis ingovernável
vir até aqui edifica um aqui
que não precisa de perdurar na ilusão
do tempo. A metafísica não ama.
Desfigura em figuras de pensamento
o que se pensou ser uma época,
mas a época esconde-se de quem
se aproxima com os instrumentos sábios.
Nenhuma análise para nenhuma realidade.
O real manifesta-se na festa
de ser vivido como um olvido casto,
energia de uma urgência sem finalidade.

29/7/2013

COMUNIDADE

Serenidade, a impressão do momento,
o olhar nos ouvidos, o silêncio
sibilando nonadas do quotidiano.
Está-se no apartamento e está-se em casa.
Que importa se o que é não é bem o que é?
Devorado por um sentido intuído
na leveza de uma necessidade activa,
levanto-me e em cada compartimento
diviso um ser compartimentado,
apartamento vivido como foi e é casa.
A exactidão não é um dom da natureza.
A natureza não serve de erudição
para quem procura encontrar um elo
no eco indissolúvel que gravita pelo ar.
Não há oco nem plenitude. Há
apenas o que há. A viagem insuspeita
pela casa, cada quarto um limite,
o corredor a via de vidas desmesuradas.
O ocidente deturpa-se no acidente
que acalenta como um milagre,
não há milagres que transformem
a economia no desejo de uma acalmia,
de uma pacacidade. A cidade
fica tão longe que até o longe advém
um vaivém de fluxos acusmáticos,
onde o bairro neste afluxo de prédios?
Crianças desertas no deserto do parque.
Pessoas, poucas, passam, vultos
mais que silhuetas, vão, sempre vão
como se houvesse um destino
em cada passo. Saberão onde vão?
Serenidade, ouvir o que se vê,
este espaço sem transfigurações
científicas ou físicas, esta distância
aproximando quem se é da comunidade.

29/7/2013

QUALQUER COISA

Dentro do tempo, como se fosse possível
ao tempo ter um dentro ou um fora,
vou pelo caminho na demora de mim mesmo,
sentindo meus passos tocar o chão
com a esporádica sensação de que evolo
para uma outra dimensão do real.
Mas as coisas aí estão. Edifícios, casas,
ruas destemperadas, automóveis
que de auto não têm nada, ou só têm
manias, como a da velocidade criminosa.
Dizem, este é o país. Não dizem, este é o lugar
do crime e da desobediência. Onde estão
os homens coevos e as mulheres coetâneas?
Poder-se-á crer que há consciências
desejando um futuro que não seja a fortuna
de jogos do azar e da sorte e do acaso?
Tanta pobreza só pode sonhar com a riqueza.
Dizem, é normal. É normal. Mas a vida,
a vida poderia ser mais qualquer coisa.
Dizem, o quê? Incapaz de responder
continuo o passeio no passeio corrompido
pelos excrementos caninos e humanos,
tanto ânus que não sabe onde defecar!
A vida está cara, suspiram. Uma acalmia
contudo perpassa nos arredores, pessoas,
talvez humanas, cruzam-se civilmente
com uma indiferença apressada.
Tanta actividade para nada. Trabalhos,
ofícios, empregos, dizem, é uma miséria.
Nunca compreendi a compreensão
inteligente ou não do que se passa à volta,
história, dizem alguns, que história?
Somos a escória do que nem sequer
conseguimos alguma vez ser: uma ideia,
uma ilusão, a realização de qualquer coisa.

29/7/2013

CEGUEIRA

Noite, escuridão dentro de casa,
apagadas as luzes percorrer o corredor
é como conceber uma aflita cegueira
no instante mesmo em que a percepção
explode de uma angústia monstruosa.
As mãos tacteando o que se pensa
que está lá, as paredes, os braços
em horizontalidades crucificantes,
passo a passo é um tacteio a tacteio,
ir deplorando a forma de um segredo,
secreto enleio de quem procura a cama
para se poder deitar. Tudo é negro,
o conhecimento diurno incapaz
de trazer coordenadas, onde se está?
Na berma da cama a alegria, está-se
mesmo junto à superfície que se abre
na dimensão de um corpo que alastra
quanto peso é uma carne compungida.
A escuridão permanece, abrir ou fechar
os olhos é uma acção inútil, irrompe
o que se denomina ainda de memória,
do que fez parte da história do dia,
e depois divaga-se na vaga vaga
de um mar que não existe, a língua
trazendo anseios e projectos tardios,
valerá a pena fazer ainda coisas
quando a idade já não é uma coisa,
mas apenas a consciência parca
de que o tempo não é exactamente
o que foi ou o que tem sido, música
sem verdadeiros instrumentos, ecos
sem ejaculações vocais contra o real
que delimita a existência de tudo.
Tudo respirará agora na escuridão
traumática entre o sono e a insónia.

30/7/2013

A ÚNICA VERDADE

Entre as palavras e aquilo que aceito como sendo o mundo,
sem saber o que é o mundo, mas petrificado no seu conceito,
atrevo-me a um equilíbrio que poderá ser impossível,
embora o impossível todos os dias se realize.

Ser ou não ser não é mais a questão.

Existir ou não existir não é mais a questão.

Haver ou não haver não é mais a questão.

Hoje, aliás como sempre, nunca houve a questão.

Homens passaram pela vida pensando passar
pela vida, estavam certos, mas as meditações
que perscrutaram nas suas experiências ontológicas
nada mais foram ou eram do que falácias ideológicas.

O «ou» de qualquer língua é uma mistificação.

Ou isto ou aquilo, decide-te, dizem as línguas,
mas só quem as ama poderá sem castigos maiores
rir-se das ingénuas, embora genuínas, injunções.

Entre as palavras e o que não se sabe se é mundo,
se é terra, se é alguma coisa, só o condicional impera.

Conicionados pela realidade homens e mulheres
fazem, sem saberem ao certo por que o fazem,
o que pensam que têm de fazer: ganhar a vida.

Mas a vida foi uma oferta, é um dado adquirido,
diriam alguns, querendo dizer que não sabem muito bem
dizer o que estão a dizer. Ninguém sabe nada de nada.

Reconhecê-lo não é um dado adquirido, infelizmente.

Há sempre a ilusão no progresso do progresso, do futuro
que avança até ao presente ofertando-se omnisciente
como uma deiscência no absoluto do universo.

Pobres dos que têm que ganhar a vida. Ganhar
é o mais exangue atributo dos pobres. Perder
é a única verdade! Entre as palavras e o que poderá
ser considerado mundo apaga-se a nulidade ancestral
de conceitos que se embriagaram na sensibilidade
do sensível. Felizmente que tudo é perecível,
até o desejo de vida ganha na deplorável escravidão.

31/7/2013

UMA CARÍCIA

Sejamos realistas, há alguma tristeza
nesta alegria. Nenhuma alegria é completamente
alegre. Se o fosse a vida seria insuportável.
A vida dos homens e das mulheres.
Entre os homens e as mulheres estou entre,
mas farei parte do convívio, da conversação?
Às vezes, em dias como este, sinto que nenhum hoje
é assim tão diferente do ontem como do amanhã.
Há pensamentos que não deveriam pensar.
Há sentires que nunca deveriam ser sentidos.
Sentidos do que é, e é tudo o que existe,
digladiam-se em insuportáveis batalhas,
guerras que não levam a nada. O amor, amor,
não foi só uma invenção humana.
Irrompeu das coisas como uma realidade
tentando dar conta do que se assumia,
indirectamente, como o real. Ninguém sabe,
porque pensa e sente, o que é o real. Ninguém,
será necessário ainda dizê-lo?, é sempre alguém.
Não, não se abusa do paradoxo, o jogo
nunca foi uma brincadeira, a brincadeira
vive do amor como um olhar que se desprende
dos olhos para afagar a quimera e o mito.
Mitomaniaco, o realismo do porisma que intenta
dar os seus passos na eclosão abissal do real
é como um sorriso de criança manifestando-se.
Festas, festinhas, dão as mães afectuosas,
sem fogo de artifício, sem artifícios da retórica.
Basta-lhes as mãos, milhares de poros
adjudicando trabalhos exemplares, acariciar
é o apogeu de uma história que não foi contada,
que não conta para os anais da maiúscula História.
Sejamos realistas, quem não desejaria ser afagado,
mesmo se já muito distante da criança que foi?
Quem, na realidade, não gosta de uma carícia?

31/7/2013

LUZ

Dias enormes de verão explorados pela luz
ubíqua impregnando de azul
um céu devorador.

Perder-me no ardor da imensidade,
mais do que pássaro, menos do que homem,
coisa subindo e descendo, planando,
qual vértice de um triângulo.

Extraterrestre simulando humanidade
numa queda livre periclitante,
Ícaro de que realidade,
monstro de que quimera?

Quisera que a língua me alçasse
ao apogeu de uma cumplicidade anímica,
mas onde está, em tudo que é
e que está, a alma? Perda e queda.

Quedo-me na impertinência do olhar,
um acervo de nada
encarrega-se de cultivar o espaço delirante,
libertar-me do peso, da gravidade,
viver um corpo em suspensão.

A vida não tem substância.

Dias engravidados pelo sol solene,
céus sibilinos silenciados pelas canções
que fizeram da história
a história das vozes inexploradas.

Só há mundo onde há terra.

Tudo o mais são fábulas fantasiosas,
ideias de formas, formas
de coisas sem existência própria.

Os sentidos sentidos
por não configurarem a possibilidade
de uma realidade, mas o real
não se altera com idiosincrasias tolas.

Tudo se reduz a uma luz,
céu no seu esplendor.

31/7/2013

PIANOS

Pianos de uma sensibilidade ambulante
ocorrem em deslizos induzindo a tremulina,
é uma música da imaginação impossível,
um tocar do sol nas águas sibilinas.
Nada dizem essas águas intelectuais,
passam pela consciência em balbuciantes
delírios de uma juventude indevida.
O tempo passou. Permanece o corpo
dorido de tempo, marcas na pele frágil,
aventuras do acaso no carnal mapa
que se desprende do fausto da língua.
Não é um silêncio de um piano abandonado
no carisma de um passado, não é música
que se possa ouvir de ânimo pesado,
é uma tecla batendo numa corda presa
às deambulações da frugal memória
existindo como um surdo apagamento,
paradoxos provisórios da quotidiana
simultaneidade com o que se desfibra
em amplexos de um amor absurdo.
Não há tempo para sentimentalismos.
Vidas foram vividas, mas foram vida?
Soam sons em cadências individuais
e amigas, uma roda de mãos dadas
descobrimo no círculo a imanência
de uma ilusão em eternidades cíclicas.
Cada som um passo dado, um passeio
sem anseios de corrida, o tempo ouvido
no seu deslizar abrasivo, será possível
dizer-se o que não pretende ser dito?
Uma vida passou. Possa quem passou
deixar em paz a vida. Possa, a qualquer
hora, em qualquer dia, bater a morte
na corda ressoante da breve melodia
ouvida na eclosão de um para sempre.

1/8/2013

CALAMITOSO ESPANTO

Que é feito do que é feito de nada,
ofertas de instantes onde uma alegria
não sabe como agir, como advir força
para a difusão iconoclasta dos dias?
Que é feito desse efeito entrevisto
em momentos de uma intumescência
da presença, do que é e do que se foi,
do que persistiu em ser companhia?
Fogachos de lumes lacunares, vozes
de uma gente desconhecida, mundos
perdidos no achamento casual, casas
onde se pôde viver o que ao ser era
possível, algum prazer, alguma dor.
Desfeito num calamitoso espanto
o corpo de que se é feito reconhece
apenas que foi qualquer coisa, acaso
uma ocasião imprevista na dimensão
ignara de um tempo incompreensível.
De que é feito um corpo? De aluviões
celulares, de substâncias cósmicas
absorvidas na evidência de um limite,
a pele porosa onde um volume carnal
pensou que pensar ou sentir seria
uma perpétua caminhada na areia
dos dias, das horas, de cada minuto.
Não há tempo para se viver, para ser
vivido. Há alucinações deflagrando
acontecimentos e factos e situações
concluindo em pretensões a destino.
Nascer, viver, morrer. Todo um acerto
tão simples que não se compreende
o que há de mal na sua banalidade.
O previsível é, ou deveria ser, aceite
como um aviso do nada prometendo
apenas do eterno a impossibilidade.

1/8/2013

A ESTUPIDEZ

Como uma criança que não sabe escrever,
contradizendo-me, tateio coisas
que surgem no horizonte dos sentidos,
sentindo-as como se a presença não fosse um mito
ou uma poderosa máquina da imaginação.
O real existe. Realidades existem
quando se ousa falar com o que acontece,
um olhar que se evola, um ruído que se acerca
dos ouvidos, uma superfície clivada
por um dedo abstruso, um gosto de fruta
que sucumbe ao sumo do palato,
o cheiro abrasivo de um cocó mitigado
sobre a relva liberta de preconceitos sociais.
Como uma criança, talvez não desse importância
nem atenção ao que é, a evidência
sendo por isso a melhor das filosofias.
Embora não se possa chamar beleza à beleza,
há sem dúvida uma beleza nisto tudo.
Existir deveria ser sempre um fruir do real.
A humanidade é mais difícil. A criança
que não sabe escrever já sabe, quando sabe,
a diferença entre o mal e o bem.
As duas características são-lhe implícitas.
Vivê-las é um problema que nos concerne a todos,
homens e mulheres fazendo de conta
que há um mundo e que vivemos nesse mundo.
Não sou mais uma criança. Nunca fui,
às vezes penso, uma criança. Penso sempre
que sempre soube escrever, desde que nasci.
O real existe. Às vezes parece quase impossível
estabelecer-se uma relação amiga
com a sua ubiquidade intransmissível,
a realidade perdida. Tateio com palavras
sentidos muitas vezes sem sentido,
mas melhor a estupidez que se ser sozinho.

2/8/2013

ACALMIA

O automóvel move-se pelas estradas rurais do concelho de Sintra, são mais as curvas que as rectas na rede rodoviária que se modernizou sobrepondo-se a sendas e a trilhos tão antigos como o passado. Um prazer, mesmo se o veículo culmina em solavancos desprotegidos, ver certas árvores floridas, por exemplo, enormes buganvílias, suas diversas copas urdindo chapéus de sol solitários. Chegado ao roseiral que venho cultivando com um amor que me era desconhecido, por ser quase ofensivo pensar que me poderia interessar por tais leviandades da sensibilidade masculina, observo, com um carinho obscuro, as rosas que se alargam de pétalas, com uma tristeza aquelas que murchas me pedem para lhes dar o golpe de misericórdia. Há sempre ambiguidade no que há e se nos oferece, sentir é um movimento convulso de formas que se entrelaçam em nós inexoráveis que fazem de quem somos apenas a soma ou a encruzilhada do que sucede. A vegetação, ignorando o que é a alma, se há alma, é a minha alma, íntima deslocação de sentimentos desejando ser mais percucientes que o sentir. Houvesse um homem em mim para poder ser realmente um homem! Mas tudo flui, tudo passa, ideias advêm traça, murchas rosas perdidas em concussões da idiossincrasia. Não haver no haver uma serena acalmia.

2/8/2013

DIZER

Não saberia dizer mais do que sei dizer.
Que sei dizer?... Dizer que o sol é o sol
nem sequer é um truísmo, seria pois uma tautologia.
Para que quereria dizer? Quem está aí,
ou aqui, para ouvir o que não sei se saberia dizer?
Há monólogos que se apagam em silêncios
que não correspondem à realidade,
há pessoas que vivem sozinhas e isoladas
em amplos espaços que nem sequer podem ser ilhas.
Dizem alguns, quando dizem, a vida é assim.
Nem sempre o assim foi assim.
Lembro-me de tempos em que não ouvindo
vozes, nem sequer de anjos, como os mais afortunados,
nadas acusmáticos debitavam palavras
como se as palavras fossem coisas, e as coisas
pudessem existir em contextos
do que se chamava o mundo. Mundo terrível,
reflectindo agora nessas experiências
reduzidas a acontecimentos ausentes de realismo.
Não, não saberia dizer mais do que sei dizer.
Um homem nasce, um homem vive, um homem
mais tarde ou mais cedo morre, e depois?
Depois não se poderá mais saber
o que esse homem não saberia mais dizer.
Digo, e depois? Qual o interesse?
Felizmente que a vida nada ensinou a quem
nunca quis aprender. Que fui eu.
De que me serviria deixar um tesouro de sabedoria
isolado no mundo? Nenhuma experiência
é a experiência de uma outra experiência de vida,
de que serviria transmitir o intransmissível
do que foi, do que passou? O tempo
não dá conselhos a ninguém. E quem ousaria
vir até aqui para ouvir de alguém alguma coisa?
Não saberia dizer mais do que sei dizer.

2/8/2013

AQUI OU ALI

Talvez nada do que vivo tenha a ver com o que vivo,
talvez não haja aqui ou ali, ou só haja realidade
onde uma indissociável relação
se estabeleça num tempo deduzido
de figuras apocalípticas, traços de abraços
onde os corpos se desdobram em memórias aflitas.
O que é hoje? Que contemporaneidade
permanecerá depois de tudo?
E que tudo ousará subtrair-se ao mal do tempo?
Haverá mal onde o bem desobedece às leis?
Dizem, não se compreende o escrito.
Concordo. Mas que acordo deduzir dos percalços
que não desejam ser acontecimentos
ou eventos, como medir uma distância arbitrária,
como excluir o que não se compreende?
Tudo passa na imensa passagem
do que perece sem um real apagamento,
fragrâncias são músicas que ninguém pode ouvir,
canções explodem nos corações
das populações intumescidas, para quê
inventar os moldes fantásticos da coerência?
De um ali a um aqui o tempo
não tem tempo para se resguardar dos acasos,
felizes os que pensam que há, bem fundo,
uma ordem, um sentido, um discernimento.
Lucidez, quem não a deseja? Loucura,
quem não a sente em momentos quase obscenos,
imagens de cenas que inundam o mundo
de presenças virtuais e fictícias,
embora muitos acreditem na redenção.
Esbracejar de quem se afoga,
que afago poderá oferecer aos que duvidam
da plenitude de uma abstracção? Dizem,
só a existência existe. Mas em que dimensão
do mundo, pergunto, em que eco da experiência?

5/8/2013

CONTINENTES SEM CONTEÚDOS

Músicas intravenosas espalham-se pelo corpo,
há algures uma Grécia tão antiga
que perdeu o seu rasto, restos de conceitos
bordejam as filosofias vigentes,
todas aspiram a dar lições de democracia,
ralhos de desvios que foram acontecendo ao longo
do tempo e da história, mensagens
que se fizeram apenas massagens, idolatrias
hedonísticas dos que se apoderaram do poder.
Não vale de nada o choro pobre
dos pobres humanos perdidos nos cantos da terra,
ninguém lhes virá em socorro,
as finanças desconhecem a aurora
da esperança, esperam dos escravos o pagamento
de dívidas que foram outorgadas
pela memória. É ver em continentes
desprovidos de conteúdos as fomes icónicas,
as mães desconhecidas dos seus filhos,
incongruências em que a injustiça
justifica a realidade com estatísticas e relatórios,
convulsões de indiferença perante o mal
que impera como se tudo fosse
um planeta e nele se levantasse um mundo.
Mudos de espanto os que assistem
em confortos televisivos fazem de conta
que não vêem, que um filme
nada mais é do que películas ou caspas
para os produtos que o capital deseja vender.
E todos os que podem compram-nos.
Lucidez, onde? Luz, em que ilha do globo?
Férias são etimologias perdidas
na deiscência da contemporaneidade abstrusa,
onde uma arma que possa defender,
onde um amor que consiga a bem ou a mal
vencer o que se introduz na alma como uma alma?

5/8/2013

A TERRA

Com uma serenidade talvez atrevida
atravesso o sol na tarde um pouco ventosa,
desço a parentética colina o coração
dividido entre o desejo de ver o estado
das videiras no inverno plantadas
e o temor de as surpreender sedentas
de água. O desleixo não é bom conselheiro,
diz a pátria. Mas que fazer, quando a tarefa
perdeu, com o tempo, a exigência fecunda
de uma cuidado talvez demasiado
filosófico? O real é muito cansativo.
A realidade uma comunicação muitas vezes
descobrimo-se incomunicável. Vou
e vejo que tudo está bem. Nem o calor,
nem o vento, nem o sol abismaram o verde
humilde das pequenas folhas que surgem
como se não fizessem, na realidade,
mais do que o seu dever. O prazer,
ver sair do solo barroso e traumatizado
pelo socalco que infligi ao terreno cachos
de uma videira mais arrojada, ver
que o branco esverdeado dos bagos
se transforma já na púrpura avermelhada
das uvas que farão as delícias do palato.
Não compreender a terra! Viver sobre ela,
ao lado dela, enraizado nela, e não saber
sequer se por ela sou realmente amado.
Não perco, mesmo assim, a serenidade.
Vejo inúmeras colinas em declives
suaves estenderem-se pela paisagem,
não se pode dizer que há uma beleza
na passagem da atenção pelos limites
do horizonte, mas há qualquer coisa,
uma presença, uma desenvoltura real
realizando-se cultura contemporânea.

6/8/2013

A CIDADE

A cidade nem sequer uma memória.
Por lá passei, por lá vivi, por lá falei
línguas que amei como se tivessem sido
minhas desde o nascimento convulso.
Nada nos é, mesmo quando se pensa
que a vida é uma viagem, um caminho
do nada ao nada. Agora que escrevo
faço um esforço voluntário. Lembro.
Tristezas e alegrias. Os sofrimentos
e os prazeres. Não haja dúvidas, fui
homem, contemporâneo de mim, se
de mim mesmo é um outro problema.
A vida não é para ser vivida ou sofrida,
passa devolvida ao pensamento ávido
que a desfaz e refaz num movimento
perpétuo enquanto durar o seu tempo.
Não me interessa pensar. Nem sentir.
Se estar não é ser, não sei o que sou
quando digo que estou para lá do lá
que se propõe como história coeva.
Cidades cultivei-as nos desmedidos
afazeres da azáfama, ganhar a vida,
ganhar a vida. Ganhei? Que avenidas
me levaram à felicidade? Que ruas
me deram a pacacidade? Sorrisos
de quem quando sorriu das ilusões?
Que línguas assaltam os noctívagos
sonhos quando a insónia se distrai
e me concede um momento de paz?
Who am I? Qui suis-je? Quem sou?
Não há, nunca houve mistério sério
no que houve de vida vivida ora aqui
ora ali. Cidades onde toquei os pés
ao de leve sobre pavimentos áridos,
superfícies de outras civilizações.

6/8/2013

ECOS

Para quem não tem uma visão do mundo,
porque não há mundo nem uma visão,
mas apenas a experiência de uma presença
mais ou menos presente, mais ou menos humana,
como compreender as limitações da fala?
O que são ecos? Retornos de sons
soltos no limite de uma distância encontrando
um muro de silêncio e uma superfície
que nem sequer reverbera a luz do sol?
Vou de mim a mim em violências velozes
catapultando-me até alcances inexoráveis?
Desfazer-me de uma pele deixaria
algum poro livre para receber do corpo o suor,
o odor de músculos abreviando a sensação
que se possa ter de quem se é no ser
que se deseja tantas vezes, para o seu bem,
desconhecido e desumano? Afago
com um quase amor a língua que me prende
em mimetismos de conhecimento
ou de identidade, fugir, fugir, é o eco
da voz que nunca teve a coragem de existir.
Haverá, realmente, uma solidão?
Uma prisão não permitindo que existências
possam ser compulsadas em ideias
ou ideais de liberdade? Quem, de mim,
poderá ser outro, poderá viver nos outros
a experiência de uma novidade?
O que são ecos? Quem são os outros?
Que humanidade se desvela contemporânea
da sua possibilidade? Leio isento
de livros o real que se manifesta surdo
e mudo num paroxismo da demência célere,
onde sou da imagem que se desligou
em apogeu de enganos? Outro de outros
procuro corresponder ao que não sinto de mim.

7/8/2013

LIBERDADE

Não há liberdade quando das palavras
se ousa um dizer ou um agir.
Passado e futuro coarctam o desejo
de uma brecha no corpo de uma mensagem,
o que fica não ficará inerte como uma dádiva,
liberto das contingências epocais
fará tudo para fazer explodir as imagens
que se tentarão construir dos dias
que viveram de simples acasos ocasionais.
Para quê ilusões? Ninguém é dono de alguma coisa,
as coisas aparecem e desaparecem, vozes,
delírios, facécias, perícias de malícias
que não podem ser exorcizadas.
Por que se quis dizer? Que mal doía
no corpo para que o grito tivesse que sair
numa raiva tão medonha como uma clivagem?
E agir, para quê a acção? A prática
nunca foi nem será dos sentidos, sentidos
irromperão como células incapazes
de se desvendarem em organismos reais e fictícios,
que metabolismo evita a organização do caos?
Cosmos e camas, ardores de inteligência,
a impressão de que se chegará lá,
lá onde? Ao que se evaporou do que ficou?
Que ficou? Uma caterva de palavras
tentando imitar um mundo intransmissível,
trazendo dentro de si um incompreensível desejo
de não ser simplesmente nada.
O que fica do que ousou ficar testemunha
apenas a loucura de se pensar que a imortalidade
é um fim em si, uma desmedida intuída
na eclosão do corpo desejoso de eternidade.
Não há liberdade. Haverá, talvez,
a intimação de que haver não poderá deixar
de ser livre, aqui e ali, agora e sempre.

7/8/2013

DYLAN REVISITADO

Há toda uma disponibilidade para se ser
o que o momento, a hora, o instante, quiser ser,
até mesmo um solecismo.

Gramáticas de mundos gramam mundos
povoados por povos desconhecidos
deles mesmos, saber é poder, dizem os cínicos.
Dizem que o mundo será sempre assim.

Não dizem, talvez ignorando, o que é o assim.

Dizem, o homem nunca será novo.

Em parlamentos da ocasião contemporânea
deblateram-se fesceninas risadas
da democracia, os governos sabem muito bem
que nunca governaram os capitais
mecanismos das transacções humanas.

Fingem-se antagonismos.

Verberam-se em reverberações esquálidas,
usando sórdidas figuras de uma retórica
paralisada em esquemas estólidos,
comportamentos desproporcionados ao prazer
que é ver sofrer os adversários do dia.

São todos amigos, dizem-me alguns amigos.

É possível. A polis precisa dos seus políticos,
não precisa? Que mal há pois nisso?

Não dizem que a civilização

é a civilização? Não dizem que não há,
verdadeiramente, tautologias? Dizem,
pelo menos alguns filósofos contemporâneos
da língua. Mas há ambiguidades,
não há? Talvez. Os povos têm o que merecem,
dizem. Pouco a pouco, a disponibilidade
para se ser, para se ser qualquer coisa,
até um ser humano, desvanece-se.

A humanidade é um enigma.

Decifrá-lo é um verdadeiro problema.

“There is no truth outside the gates of Eden.”

8/8/2013

NINGUÉM

Nem nunca houve paraíso.
Nem pecados, nem pecadores.
Nem pescadores capazes de trazer
aos homens e às mulheres uma outra vida.
Nem profetas, nem heróis, nem poetas.
Mas pensa-se que sim.
O que seria da humanidade
se não houvesse, algures, mais
do que homens e mulheres e crianças?
A vida seria um desastre,
uma calamidade, uma injustiça.
A vida não pode ser só sofrimento.
Não faria sentido. Dizem,
cheios de uma esperança inamissível,
há qualquer coisa em qualquer coisa.
Talvez. Talvez o impossível
seja um dia possível.
Já se viu tanta coisa neste mundo.
Homens e mulheres geram homens
e mulheres na ilusão
das crianças que geram,
talvez seja uma estratégia, fazer de conta
que não se é o que se é, ou que se é
o que não se é, num vice versa
do vice versa. Quem sabe
o que ninguém sabe? Alguém
poderá prever o futuro? Qual futuro?
Talvez haja, algures, um paraíso.
Para isso se gere a morte
como uma partida para outro mundo.
Haverá um paraíso nesse mundo?
Haverá alguma verdade na verdade
em que muitos acreditam?
Haverá ser para lá do ser?
Quem sabe o que ninguém sabe?

8/8/2013

PARTE

Ignoro sempre em que parte do caminho estou.
Não falo do caminho metáfora ou alegoria,
da vida ou do estar sendo,
mas do caminho em que vou
avançando sabendo de antemão que nunca serei eu,
que nunca saberei me descobrir na afirmação:
Aqui estou. Vejam: sou eu.
Ignoro também, sempre, em que parte
do livro me encontro. Ou se me encontro,
ou se poderá haver encontro com quem não sei
se há ou poderá haver. A confusão,
às vezes, poderá ser uma fusão.
Ignoro de todo se faz sentido sentir assim
um, como dizer, assim que deixa por momentos
de fazer parte da língua para fazer parte
de mim, que não tenho partes.
Às vezes, só às vezes, ignoro onde começo
por ignorar onde começa ou acaba a língua.
Que sei eu do que, não podendo nunca ser mistério,
se apresenta como um mais,
uma coisa que foge da cultura humana
para advir real, um real que nunca me concede
o prazer de com ele estabelecer uma realidade?
O realismo não é uma mentira,
é uma tentativa, mesmo se frustrada.
Onde estarei? Haverá um onde onde se ignora
em que parte se está? Haverá diferença,
assinalável, entre estar e ser?
Deixo-me estupidamente comover
com a inestimável ignorância, gostaria tanto
de saber. De saber alguma coisa da coisa que é
e me aborda para permanecer muda
como uma provocação.
Regresso pois à acção, os dias
decorrendo como se nada acontecesse.

13/8/2013

NA VARANDA

Uma paralisia total do tempo,
uma escassa brisa menos do que a palavra
procura significar, as árvores em frente,
em certo sentido, enfrentam-me,
mas não é por mal.

Não saberia dizer se há paz
ou guerra, há as árvores no jardim em frente
isoladas do que se pensou, ao longo
dos séculos ocidentais, o que era a natureza.
O que será a natureza? A terra
parece dizer, em apogeu da ciência,
o que é, o que foi, o que será,
será possível acreditar-se na ciência?
Como poderá explicar esta paralisia do tempo?
Haverá palavras que sustentem
um saber? E esse saber será incorrupto?
Sinto-me bem na varanda
virada para algum ponto, será o norte,
será o oriente? O sul não é certamente,
e o ocidente fica no outro lado do apartamento.
Não haver uma saudade
para que pudesse sentir que sentir
é, em si, um bem. Nunca aprendi nada.
Devo-o à estupidez que sempre me habitou.
Vejo faces de pessoas, acções
mais ou menos humanas espelhadas
pelos outros, e ignoro o que está por detrás
dessas frentes incertas
e inconscientes, a verdade
pontos de suspensão, um parêntesis
abarcando nada, ou tudo, ou mesmo o ser.
A vergonha, por ter nascido
sem nunca ter podido convencer-me
de que há uma natureza humana.
Se há a outra, só as árvores poderiam dizer.

13/8/2013

Escrito em Algueirão, Sintra, Portugal